marginália metropolitana

financiamento:

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Esta obra foi realizada com recursos da
Lei Complementar nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo

Organizado por

Gabriel Bernardo

marginália metropolitana

cena de música eletrônica
na Grande Porto Alegre

Projeto organizado por
Wender Zanon e Vitor Cunha

Coletânea organizada por
Marcelo Silva

Copyright © Marginália Metropolitana

Todo o conteúdo deste livro pode ser copiado e/ou utilizado, desde que não gere lucro e que se cite a fonte.

Organização: Gabriel Vargas Bernardo
Revisão textual: Eduarda Heineck Fernandes
Ilustrações e capa: Amanda Martins de Abreu ASSMA
Diagramação e projeto gráfico: Ana Cândida Sommer
Produção executiva: Vitor Cunha e Wender Zanon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M328

Marginália Metropolitana : cena de música eletrônica na Grande Porto Alegre / Organização de Gabriel Vargas Bernardo – Porto Alegre : [s.n.], 2025.

168 p.

ISBN: 978-65-01-35080-6

Esta obra foi realizada com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo

1. Música. 2. Cena Eletrônica. 3. Cultura Urbana. I. Bernardo, Gabriel Vargas (org.). II. Título.

CDU 78:316.42

Bibliotecária responsável Priscila de Queiroz Macedo, CRB10/2560

Este livro é dedicado à memória de
Mateus Miranda Ribeiro, o Tabu.

Sumário

Apresentação 11

Parte Um

Para o espírito de Marginália Metropolitana 23

Escuta marginália 31

Mas afinal, que "cena" é essa? 41

Réquiem 49

Contágio: pista de dança e invenção coletiva 55

Hoje, já nem me lembro quando morri 63

Quem escreve 75

Parte Dois

Os Lugares e Os Sons 79

A Entrevista 89

As Histórias 113

A Festa: coletivo Plano 143

Os Bastidores 151

Posfácio 157

Tracklist

marcelulose – QVS? 03:08

Pianki – Dope Machine 04:00

PV5000 – Break do Doutor 04:38

DJ Mtn9090 – Ê dureza 03:34

Nog4yra – sem medo 03:44

TURVA – 909 . . . . . 04:05

Faylon – substância do sentir 07.03

DJ Mtn9090 – Diga a Palavra Final 03:37

Turva – NOIDEIA 04:00

Faylon – Brincar 06:48

Nog4yra – Quem é um adicto 04:04

Pianki – Agitador II 05:07

PV5000 – Bandida Perversa 04:38

marcelulose – O PESADELO DO TÉCNICO DE SOM 03:57

Este livro faz parte do projeto Marginália Metropolitana, que também contém uma coletânea com 14 faixas, produzidas por 7 produtores e produtoras musicais da região metropolitana de Porto Alegre. É possível escutar o álbum através das plataformas de *streaming* e saber mais sobre o projeto em ***www.marginaliametropolitana.com.br***

Apresentação

Este é um projeto coletivo. O livro que você tem em mãos faz parte de uma empreitada maior, em que colaboraram mais de 20 pessoas[1], envolvendo, além do próprio livro, a produção de uma coletânea musical e uma festa de celebração deste momento, organizada pelo coletivo **Plano** em abril de 2025. O projeto surgiu de uma ideia de ***marcelulose***: um álbum de música eletrônica em que tivessem destaque artistas da região metropolitana de Porto Alegre. Ampliando a ideia do disco, que teria curadoria de Marcelo, ***Wender*** propôs um livro, para complementar as produções musicais e tentar contribuir com o registro do cenário alternativo.

Na medida em que o projeto ganhava corpo, mais pessoas foram envolvidas, processo que levou mais de dois anos: fui convidado para organizar a publicação escrita e **ASSMA** foi chamada para fazer as ilustrações e a capa. Todos que eram agregados tinham liberdade total em suas áreas.

1 Somos 22 – seis escritores e escritoras, sete produtores e produtoras musicais, uma ilustradora, uma diagramadora, um criador audiovisual, quatro integrantes do coletivo Plano e dois produtores executivos, todos creditados ao longo do livro –, isso sem contar o povo da gráfica, dos recursos de acessibilidade, da contabilidade e todo mundo que trabalhou na festa!

Ana Cândida assumiu a diagramação e projeto gráfico do livro, **Duda** a revisão e **Guilherme Leon** os *visualizers* das *tracks* para as plataformas de *streaming*. **Vitor** somou na produção executiva e na organização do projeto, para que fosse proposto ao **Edital SEDAC/LPG no 12/2023 – Criação Artística**, do governo do estado do Rio Grande do Sul, em que foi selecionado e contemplado com o financiamento.

Marginália Metropolitana articula um caldo que vem sendo alimentado há vários anos em Porto Alegre e outras cidades da região metropolitana. Algo que ocorre, ao menos, desde a década passada, momento de surgimento dos *coletivos* de música eletrônica[2]. Estas coletividades, construídas por artistas e entusiastas da produção cultural, que caminham na corda bamba entre o amadorismo e o profissionalismo, o heroísmo e o perrengue, as lutas e as glórias, os *closes* e os corres, hoje alcançam consistência e encontram neste projeto uma nova forma de expressão, que garante outro tipo de duração, para além da efêmera intensidade dos acontecimentos festivos.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira parte você encontrará uma reverberação da coletânea, a partir da perspectiva de cada autor e cada autora. A segunda parte é dedicada aos produtores e produtoras musicais e ao coletivo **Plano**. A Parte Um é composta por 6 textos. São reflexões de autores e autoras dos campos do

2 Reconhecemos que, nos diferentes momentos que o cenário de música eletrônica já viveu no Brasil e no mundo, muitos projetos também eram *coletivos*. Podemos dizer, inclusive, que qualquer projeto que se concretize na realidade, mesmo que seja de ordem privada, efetivamente é coletivo. Aqui apenas queremos destacar um momento específico da *cena* brasileira: quando esta nomenclatura passou a ser utilizada de forma recorrente e de maneira afirmativa, sustentando um posicionamento ético, estético e político. Isso ocorreu de maneira mais intensa a partir da década de 2010.

jornalismo, das ciências humanas e sociais e da literatura[3], que se dedicaram a pensar e escrever sobre o cenário a partir do efeito que a escuta das *tracks* e o contato com o projeto produziu em seus corpos. As pessoas que foram convocadas para escrever os textos habitam diferentes posições e distintos relacionamentos com a *cena*, assim como estabelecem diferentes relações com a escrita. **Bruno**, ***Duda***, **Leo**, ***Mari***, ***Tom*** e eu entramos no rolê em diferentes momentos e com diferentes intensidades, cada qual fazendo um trajeto próprio, com seus dramas particulares. Em nossas caminhadas, percorremos linhas de investigação distintas, o que virá à tona a partir da perspectiva de cada um.

O primeiro texto é de ***Bruno Barros***, jornalista que nasceu e cresceu em Butiá. Mudou-se para Porto Alegre

3 É curioso que estas três grandes áreas – jornalismo, ciências humanas e literatura – de alguma maneira constituam espécies de "tradições" nas iniciativas de escrita sobre o rolê. Os livros "Babado Forte", de Erika Palomino, lançado originalmente em 1999 e com edição revisada e ampliada em 2024, "Todo DJ Já Sambou", de Cláudia Assef, lançado pela primeira vez em 2003, com nova edição, também ampliada, lançada em 2017, e "Batestaca", de Camilo Rocha, lançado em 2024, são escritos de jornalistas. Enquanto estes livros focam no cenário de São Paulo entre os anos 1990 e 2000, a dissertação de mestrado em Antropologia Social (UFRGS) de Ivan Paolo Fontanari, intitulada "Rave à margem do Guaíba", de 2003, faz uma etnografia da *cena* de Porto Alegre no início dos anos 2000. Em sua tese de doutorado, também em Antropologia Social (UFRGS), publicada em 2008, intitulada "Os DJs da perifa", que virou livro em 2013, o pesquisador acompanhou a *cena* de música eletrônica da periferia de São Paulo. A este esforço no campo acadêmico somam-se as reflexões de Pedro Peixoto Ferreira, em sua tese de doutorado em Ciências Sociais (UNICAMP), intitulada "Música eletrônica e xamanismo", publicada em 2006. Mais recentemente, a tese de doutorado de Gibran Braga em Antropologia Social (USP), intitulada "O fervo e a luta", publicada em 2018, e minha pesquisa de mestrado em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), "Grave Geral", publicada em 2024, apenas para citar alguns. No campo da literatura, o "A história universal do after", de Leo Felipe, livro lançado em 2019 em português e em 2022 em espanhol, apresenta com intimidade os meandros do cenário alternativo de música eletrônica entre Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo.

no início da vida adulta, no momento de efervescência dos rolês de rua, envolveu-se com a *cena* de maneira sincera e apaixonada, passando a desenvolver um trabalho de fomento, registro e reflexão através de textos e programas de rádio – além da sua presença assídua nas pistas, evidentemente. Hoje está radicado em São Paulo, onde continua produzindo de maneira independente. Seu texto, "***Para o espírito de Marginália Metropolitana***", no formato de carta, faz um elogio ao projeto, um reconhecimento da importância deste cenário, e uma análise das políticas públicas culturais em que o rolê (não) se insere.

O segundo texto é de **Tom Nunes**, estudante de comunicação, DJ e integrante dos coletivos ***Arruaça*** e ***Turmalina***. Tom esteve presente em todo o processo de aproximação do movimento das festas de rua com o cenário de música eletrônica, tendo um protagonismo cada vez maior na consolidação desta construção. Já morou em várias cidades, mas hoje vive em Pelotas e estuda Jornalismo na UFPEL. Iniciou sua relação com a *cena* em Porto Alegre, cidade em que nasceu. Morador da Zona Norte, do bairro Leopoldina, viveu em seu cotidiano os trânsitos necessários para que algumas pessoas cheguem até o centro. Seu texto, "***Escuta marginália***", traz comentários faixa a faixa sobre as músicas e os produtores e produtoras que as compuseram.

O terceiro texto é de ***Mariana Gonçalves da Silva*** vulgo Marigdas, socióloga, mestra e doutoranda em Psicologia Social, além de DJ e integrante do coletivo ***Arruaça***. Natural de Bagé, região da campanha, encontrou o cenário eletrônico em Porto Alegre, cidade onde também realiza seu percurso acadêmico. É uma peça fundamental no

incremento da postura crítica e das discussões políticas envolvendo o rolê. Articula com muita inteligência suas pesquisas no campo da arte negra contemporânea com a produção dos territórios em que vivemos, apostando no futuro. Seu texto, "***Mas afinal, que 'cena' é essa?***", retrata este posicionamento e traz reflexões muito concretas sobre a materialidade dos diferentes trânsitos e habitares da cidade e das festas.

O quarto texto é de **Leo Felipe**, escritor, curador, jornalista e mestre em História da Arte, um grande fomentador do rolê em Porto Alegre, tendo contribuído em diferentes frentes, da pista de dança ao rádio, de dono do épico Garagem Hermética a apresentador do Programa Radar, além de DJ, vocalista de banda punk, artista plástico de cenografia de festa e azucrinador master – como costuma se gabar. Porto alegrense do Centro, hoje vive em São Paulo. Além de escrever livros, trabalha com arte. Enquanto o mercado da arte paga as contas, os livros rendem uma pequena fama, seja na cena cultural de Porto Alegre, seja naquela que se acha a capital das festas do Brasil, São Paulo. Surpreendentemente, a fama é ainda maior em Buenos Aires, onde lançou sua *História universal do after* pela badalada Caja Negra, editora descolada que também transa música eletrônica. Em seu texto, "***Réquiem***", Leo traz conexões do rolê eletrônico *underground* com o punk.

O quinto texto é de **Eduarda Heineck Fernandes**, antropóloga porto alegrense que já fritou muito nas pistas, já deu *closes* com *looks* memoráveis nas festas, já deu discursos políticos inflamados nos fumódromos, já deu socos em boys lixo, "apoiando a *cena*" de maneira tão intensa, através da postura política, da reflexão e da dança, que fica

totalmente justificada sua atual baixa frequência no rolê. Hoje está mais caseira, dedicada com a mesma intensidade que tinha nas pistas ao ofício antropológico, fazendo mestrado e pesquisando com indígenas kaingang – com quem não deixa de lutar. Anarquista, reconhece o potencial subversivo da festa de rua. Seu texto, "***Contágio: pista de dança e invenção coletiva***", traz reflexões importantes sobre o papel do contágio nas pistas de dança, apostando no corpo enquanto veículo de tensionamento de certas hierarquias e a pista como possibilidade de invenção.

O último texto, "***Hoje, já nem me lembro quando morri***", é uma narrativa minha, onde entram em cena personagens ficcionais que encarnam o cotidiano do cenário e da produção das *tracks* – quando o rolê pode ser apaixonante, mas nem tudo são flores. Também devo me apresentar: me chamo ***Gabriel Vargas Bernardo***, ou **GB**, sou DJ, faço parte do coletivo ***Arruaça*** e pesquiso já faz uns anos sobre o rolê. Vivo em Porto Alegre, sou psicólogo e mestre em Psicologia Social, trabalhando na rede de assistência social, com a população em situação de rua. A partir da minha pesquisa sobre festas de rua, e de alguns textos sobre música eletrônica que escrevi para portais especializados, fui convidado para organizar este livro.

A Parte Dois, como já mencionado, se dedica a apresentar todo mundo que produziu *tracks* para a coletânea, além do coletivo **Plano**, que organizou a festa. Todos os textos escritos são meus, com exceção da "página expressiva" de cada artista, apresentada após sua biografia, e da montagem da entrevista, que é minha, do Vitor e do Wender. A Parte Dois inicia com um ensaio, onde apresento o segundo momento do livro, refletindo sobre a produção

de música eletrônica especificamente neste contexto: o *baixo underground*[4]. O texto segue com "**A *Entrevista***", que consiste em uma montagem com as respostas dos produtores e produtoras a um longo questionário. Depois, temos "**As *Histórias***", acompanhadas das páginas expressivas. A Parte Dois segue com a apresentação do coletivo **Plano**. A última parte do livro credita as pessoas que participaram nos bastidores: ilustrações e capa de ***Amanda Martins de Abreu*** vulgo ASSMA, diagramação e projeto gráfico de ***Ana Cândida Sommer***, *visualizers* das *tracks* para as plataformas de *streaming* de ***Guilherme Leon Berno de Jesus*** e produção executiva de ***Wender Zanon*** e ***Vitor Cunha***. Desta maneira, o livro abraça o projeto como um todo, sendo expressão escrita de uma movimentação muito intensa, mas também o extrapola, propondo reflexões que são transversais ao cenário de Porto Alegre e, possivelmente, com suas diferenças e aproximações, de outras cidades do Brasil.

Mas, mais do que isso, ***Marginália Metropolitana*** como um todo materializa, na forma de livro, álbum e festa, esforços, danças e histórias que estão para além de artistas e produtores culturais propriamente ditos ou reconhecidos. É expressão de um caldeirão produzido pelos trânsitos e conexões de uma pequena multidão, vinda de várias cidades, que encontram nas pistas de dança das festas de música eletrônica *underground* um agenciamento possível entre seu posicionamento político e sua fruição estética – sua relação com a música, com a dança, com os visuais, com a arquitetura etc. Assim, neste entrelaçamento, fazem das

4 Expressão de nossa amiga e DJ ***Deborah Blank***.

festas criações artísticas vivas e coletivas, de modo que as músicas e os textos que compõem este projeto são também um efeito daquilo que é produzido como vibração no espaço da pista, sendo as pessoas que assinam, de alguma forma, apenas via de passagem de algo que está para além de qualquer gênio ou individualidade. Ou seja: livro, álbum e festa não deixam de ser apenas mais uma dimensão do relevo sensível, do rastro, que o trabalho de pista efetua na forma do "rolê", sempre através da dança, sempre de maneira coletiva.

Agora, apresentamos também a primeira produção do projeto, que acompanha e é o ponto de partida do livro: a coletânea ***Marginália Metropolitana***. Com curadoria de **Marcelo Silva** vulgo marcelulose, produtor musical de São Leopoldo radicado em Canoas, o álbum foi composto por produtores e produtoras musicais da *cena* de música eletrônica alternativa de Porto Alegre, todes envolvides com coletividades. Assim, insistimos, apesar de serem obras assinadas individualmente, elas carregam consigo construções coletivas, que dizem respeito a territorialidades específicas. São pessoas que nasceram ou que viveram grande parte de suas vidas na região metropolitana de Porto Alegre, além de serem, em sua maioria, corpos racializados e dissidentes de gênero. Portanto, através do trânsito, da ocupação e da disputa da *cena* e do centro de Porto Alegre, constituíram um território que, na sua heterogeneidade, vem garantindo duração ao movimento. Muito disso se dá a partir da infiltração ou do hackeamento de coletividades que já existiam, porém em configurações mais normativas, e que precisaram se transformar – algo que ocorre com muita vitalidade, mas nunca sem atritos.

Ao mesmo tempo, coletividades novas surgem a todo momento, num processo rizomático que passa por muitas pistas de dança, estúdios improvisados, *afters* infinitos, desejo de produzir, vontade de tocar, êxtases sintéticos, ressacas homéricas, narcisismos, culpa, colaboração etc. Desta maneira, prazer e poder, violências e resistências, são reverberadas nestas produções artísticas, que muitas vezes são maquinadas a partir de recursos escassos, gambiarras de toda ordem, equipamentos emprestados, técnicas compartilhadas – sendo jogadas no mundo sem pretensões de fama ou enriquecimento, ainda que isso fosse justo. A coletânea ***Marginália Metropolitana***, enfim, é composta por 7 artistas – **Faylon**, ***marcelulose***, **Mtn9090**, **Nog4yra**, **Pianki**, **PV5000** e **Turva** – e 14 músicas. Mas, além disso, insistimos mais uma vez, é uma história viva, que envolve incontáveis lugares e uma multidão.

E é isso que dá consistência e materialidade a um território: as andanças e as conexões – entre pessoas e edifícios, objetos, ferramentas, os modos de manuseá- los, nossos jeitos de fazer as coisas. As ruas por onde passamos, e aquelas em que decidimos dançar, fazer uma festa. Uma cena: episódio efêmero de uma ficção, com duração suficiente para contagiar as franjas do passado e do futuro. *Nossa ficção*, tão comum quanto particular, onde corpos das mais diversas ordens revezam-se numa alternância entre protagonismos e coadjuvâncias. Sem romantizar, um cenário que também é capaz de cristalizar os mesmos lugares de privilégios e subalternizações, muitas vezes de maneira cínica e cruel. Ao mesmo tempo, as situações não estão imunes aos questionamentos e combates, possibilidades reais de transformação, como a composição

deste projeto demonstra. Algo que não está dado, uma ficção que necessita de tensões permanentes para se atualizar.

Esse é um projeto coletivo. A escrita deste livro conecta-se com este posicionamento e sustenta esta afirmação. O que queremos registrar é o fato de que este livro é uma faísca dos muitos encontros que precedem e que procederão esta empreitada específica. Neste sentido, talvez os "produtos" do projeto – festas, textos e *tracks* – sejam mais bem compreendidos como artefatos, tecnologias que agora ganham o mundo e que serão usadas e reinventadas das mais diversas formas, na montagem do cenário que queremos construir. Boa leitura.

Gabriel Bernardo

Parte Um

Para o espírito de Marginália Metropolitana

Bruno Barros

É com alegria que respondo ao chamado da organização do projeto com este texto que se pretende salvar. Honrado pela lembrança de meu nome para participar deste compilado de impressões acerca do cenário de música eletrônica independente, a partir do contexto gaúcho.

Celebro e prestigio **Marginália Metropolitana** pelo marco no qual se inscreve o projeto. Este é o primeiro registro fonográfico coletivo do *underground* eletrônico gaúcho realizado a partir de fomento cultural público. Esta realização pode vingar o passado e mesmo oferecer ao futuro uma perspectiva de busca pelos dispositivos legais para financiamento das produções artísticas.

A curadoria da coletânea consegue, com o recorte apresentado, destacar artistas que compartilham de uma percepção muito fiel sobre os fundamentos que trouxeram a *cena* até aqui, por meio da vivência *in loco*. Os depoimentos também aproximam a gambiarra e os diferentes modos de desenvolver uma prática de criação com as dificuldades de acesso aos *softwares* e equipamentos.

Nas falas, uma presença, já em ausência, se destaca, a do Mateus Miranda, o ***Tabu***. Se esse lançamento hoje ganha o mundo, sobretudo na referência estética musical, é porque entre as muitas influências, ***Tabu*** e ***Marê*** criaram e persistiram com a **ZONA*exp***. Que bem antes de andar lado a lado com outros expoentes nacionais contemporâneos do gênero e com projeção global, edificaram o projeto a partir da residência de toda terça-feira no ***Experimental 93***. Aquele ponto de encontro foi um respiro de muita importância para quem estava mais relacionado à música do que ao *lifestyle* do rolê. Com este texto também convido a sua sintonia em emanar boas energias à alma e ao espírito do Mateus. Que passagem difícil e sofrida. Mateus foi o convidado 0 do ***Teste Dinamico***, primeiro programa de rádio que realizei. E mais uma vez eu agradeço a coragem e a determinação com que ele conduziu a sua produção, colaborando e influenciando tantas outras. Que esteja em um bom lugar.

Marginália Metropolitana é a contradição instituída. O excedente posto. A edificação em meio ao caos[1]. Ao mesmo tempo em que celebramos este feito, é preciso lembrar de não esquecer que este registro é também simbólico, por demarcar no tempo a falta de sensibilidade – ou de interesse – dos formuladores de política pública cultural em validar essa expressão artística com fomento específico.

Escrevo, portanto, não para saudar a realização deste projeto, mas para as almas daquelas que transitam entre meios e brechas e que ano a ano sustentam o desejo de uma criação que se dá na coletividade. Para lembrá-las de

1 O termo "edificação em meio ao caos" me foi dito pelo poeta **Rico *Dalasam*** em uma conversa em maio de 2024.

que é preciso mais. É preciso estratégia, união e "ocupação" dos espaços institucionais. Dez anos depois, percebe-se que o des-tratamento, dado pelos gestores de política pública, apenas acirrou a disputa em uma perspectiva neoliberal pelo Capital, mesmo que apenas para as sobrevivência e manutenção dos projetos. Minando e distraindo, inclusive, as relações que se estabeleceram pelo pacto utópico da produção de arte e cultura direcionada aos espaços temporários de fruição artística, e de uma convivência mais gentil a partir da ocupação do espaço público.

Há mais de dez anos já se ouvia sobre o cenário da música eletrônica estar enquadrado como autossuficiente e por isso não necessitar de linhas de fomento específicas. Uma leitura equivocada, que se manteve olhando apenas clubes e eventos de grande porte, da chamada "cena comercial", onde nosso público pouco circula. E isso, ao que parece, nas três esferas da administração pública. Só consigo lembrar de iniciativas de Belo Horizonte realizadas com fomento e com entregas expressivas. Em São Paulo, além de realizações a partir dos recursos emergenciais direcionados no período da pandemia de Covid-19, não tenho iniciativas de cabeça para relacionar. Tivemos o **SP *na* Rua**, uma experiência especial e muito bem- sucedida, que foi descontinuada. Com a realização anual do evento no centro da cidade, o SP na Rua também validava os agentes dos núcleos de produção de festas independentes que participavam do evento. E isso facilitava a interlocução destes com o poder público no decorrer do ano.

Junto com o encerramento da iniciativa, mudou-se a postura perante as iniciativas de festas de rua, a partir do endurecimento das regras e a recorrente negativa de cedência

de espaço público para este fim. Além de triste, trágico. Enquanto referência nacional, a experiência de descaso e indiferença da cidade de São Paulo com essa cultura surtiu como efeito dominó pelo país. E o pior da vitória do atraso, me parece, foi desacreditar, ou mesmo não preparar esses agentes – DJs, artistas e produtores culturais – para as especificidades das leis de incentivo e para disputar as verbas de fomento à cultura, com o rigor e a dedicação que estes certames exigem.

Me parece estúpido e violento, também, não termos ao menos uma pessoa que seja relacionada a cultura de música eletrônica independente nos conselhos de cultura das capitais mais fervidas do *underground* brasileiro, considerando a criação de valor instituído por essas iniciativas – na formação de DJs que hoje rodam o mundo e circulam sem pagamento de *coyotes*, mas sim por seu destaque e reconhecimento artístico. Para citar dois que alcançaram outro patamar neste último ano, destaco **OMOLOKO** e **RHR**, que transitam já por uma demanda de agenda própria, e não em lógica de turnê ou a partir de determinados grandes festivais. Isso é muita coisa.

Ainda, o fomento às artistas da performance, que, a partir das festas, são muitas que estabelecem diálogo e trânsito com diferentes pontas do campo da arte contemporânea. E o que falar da educação do público? Com eventos para milhares de pessoas, não ocorre violência desmedida e são poucos os casos a se buscar no histórico. E o trabalho de redução de danos ao uso de drogas efetivo: para citar um exemplo, a **++ *Mamba Negra***. Vale ressaltar também que, nas duas pontas artísticas cita-

das, destacam-se mulheres, pessoas negras, travestis e NB. É muita coisa mesmo nesse *game* aí.

A má vontade da administração pública, ao longo dos últimos cinco anos, transformou drasticamente a realidade de produção dessa expressão Brasil afora. Enxotadas das ruas, as festas foram condicionadas a migrar para locações de galpões industriais. E nem mesmo esses tipos de espaços ficaram isentos do assédio do poder público, por vezes acionados por empresários de outras pontas da cultura, que sentiram seus empreendimentos ameaçados frente ao interesse do público por uma oferta de espaço e fluxo livre para experienciar a música eletrônica. Abriu-se a especulação, e no final são poucos os espaços que podem receber os alvarás de conformidade para realização dos eventos. Todos praticando valores de dezenas de milhares de reais pelo aluguel. E pensar que, lá no início, se faziam as festas na rua sem nem autorização. Não tivemos meio termo. E a realidade atual para realização deste tipo de evento na rua está sujeita a todo tipo de desprezo pelo poder público. Seja pela confirmação de liberação do espaço emitida apenas na semana do evento, como se observa em experiências recentes do coletivo **Plano**, em Porto Alegre, seja no cancelamento da concessão do espaço, como enfrentou a ***Mamba Negra***, em São Paulo, há apenas UM dia da realização de seu último evento de 2024.

O pós-pandemia, que veio pesado para o setor de eventos de modo geral, não quis colocar na balança quem é *underground*, quem não tem milhões para investir, ou quem não recebe nenhum tipo de fomento. O aluguel dos equipamentos e os custos logísticos só não inviabilizam totalmente o rolê porque alguns agentes do *underground*

resolveram dobrar a aposta com o peito, a cara, e a coragem, investindo do próprio bolso – e sabe-se lá mais de onde – na realização dos eventos. A considerar a implicação e o impacto social das produções, não haveria por que empreendedores, que atuam na perspectiva do sonho e da utopia, acumularem riscos e dívidas. A supressão que se forma com essa realidade inibe e mesmo impede projetos novos e menores – que, cada vez menos, conseguem construir de fato uma estética, público e identidade em suas iniciativas –, e desarticula qualquer possibilidade de desenvolvimento de ações originais que possam dar suporte ao cenário de modo mais amplo.

No momento, infelizmente, eu não tenho muita esperança quanto a este reconhecimento ser efetivado. Mesmo em um governo de esquerda, progressista, que muitas de nós investimos tempo, capital social e financeiro para eleger. Tenho acompanhado algumas manifestações da Funarte em torno da Política Nacional das Artes (PNA) e nada próximo ao *underground* da música eletrônica brasileira me passou pelos olhos. Estive, inclusive, em um grande seminário de três dias realizado pela entidade no Sesc 14 Bis, aqui em São Paulo, e entre as diversas painelistas, da área da música estiveram Zezé Motta, Fafá de Belém e Anelis Assumpção. Mas eu aguardo as resoluções da formação da PNA, com entrega prevista para este 2025.

Saindo dessa perspectiva realista e cronicamente infeliz de Brasil, e mergulhando no modo efêmero da utopia e do visível, celebramos esse lançamento em meio ao momento de destaques positivos na *cena*. Pois, a despeito da falta de investimento e incentivo pelo poder público, vivemos um período muito bonito de destaque, com muites

DJs e produtores do *underground* brasileiro pelo mundo. O ***Boiler Room***, em sua passagem mais recente no país, ferveu dois dias de festa com registros históricos em São Paulo. E apesar da plataforma ainda desconhecer a capital mais ao sul do Brasil, dois nomes estiveram no vídeo, ***Suelen Mesmo*** e **DJ BASSAN**. Um acontecimento que merece outro texto. No entanto, vale ressaltar que, se houvesse fomento, nós já teríamos um canal ao menos relevante globalmente na *web*. Nosso público é o mais quente do mundo e nossos avatares os mais atentos *online*.

Há muito o que reivindicar pelos núcleos, caso queiram acesso a uma política de financiamento cultural que lhes permita de fato produzir com tempo e estrutura justos. Espero que estes marcos recentes – também recebi a boa notícia de que a **Plano** fora contemplada em um edital que lhe permitirá algumas edições para 2025 – estimulem a retomada do pensamento coletivo, e que os núcleos se fortaleçam em unidade para reivindicar o que é seu por direito. Talvez a formação de uma associação que os represente a nível nacional pudesse ajudar. Também torço que os avaliadores dos editais consigam realizar leituras mais atentas, o que requer uma aproximação com esta cultura para uma avaliação mais efetiva.

Agradeço mais uma vez pelo convite e espaço na ***Marginália Metropolitana***, na figura do organizador Gabriel Bernardo. Espero podermos dar sequência ao diálogo em breve.

Um abraço! B.

São Paulo, 28 de janeiro de 2025.

Escuta marginália

Tom Nunes

O objetivo desta escrita é proporcionar uma escuta guiada e humanizada do material sonoro produzido por artistas independentes, do sul da América do Sul, terra em que foi instaurada a colônia mais distante da própria colônia, terra de encontro de povos originários, de batalhas, de sufocos e, sobretudo, de muita resistência. Aqui se encontra um território ainda em disputa e distante do "centro" – é assim que nos encontramos por aqui, e é assim que a banda toca, como dizemos.

O projeto ***Marginália Metropolitana***, a esta altura você já deve saber, é resultado de um recurso público, que visa organizar em uma coletânea produtos culturais locais, uma importante ação de manutenção de nossos processos e saberes. Os e as artistas que compõem as músicas deste VA são ***marcelulose***, ***Turva***, ***Pianki***, **PV5000**, ***Nog4yra***, **Mtn9090** e ***Faylon***, cada qual com sua trajetória única, e oriundos de diferentes margens da margem que o Rio Grande do Sul pode ser.

Eu me chamo ***Tom Nunes*** e vou ser o guia deste nosso "passeio", comentando um pouco essas produções,

com a intenção de conferir intimidade e deixar aqui nuances da personalidade de cada produtor e produtora, com a pura finalidade de registrar, e aproximá-los de quem as ouvir e nos ler.

marcelulose

Marcelo vulgo ***marcelulose***, é um produtor de Canoas, apesar de ser natural de São Leopoldo, morando em uma das cidades que mais foram afetadas pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. É uma das cabeças por trás deste projeto. Interessado pela música eletrônica desde 2013, apresenta duas composições neste VA, a primeira delas chama-se "QVS".

A primeira música apresentada por ***marcelulose*** deixa um convite para vermos algo, mas vai além de apenas olhar, é um convite para enxergarmos. Ele se propôs a apresentar produções mais disruptivas e menos condicionadas ao mercado, explorando as possibilidades que o acesso a verbas públicas pode oportunizar, permitindo a abertura para a entrega mais artística possível. Além disso, trata-se de um projeto com as devidas possibilidades de lançamento e distribuição, o que é uma busca coletiva dos artistas desta produção – aliás, coletividade é uma palavra-chave para entendermos as conexões que ligam as pessoas envolvidas nesse projeto.

Já em sua segunda música, "O PESADELO DO TÉCNICO DE SOM", o artista traz toda a sua originalidade e ousadia sonora, com elementos de muita força. É um som disruptivo, que mostra os sentimentos aflorados de

quem sabe o que está fazendo, desafiando os caminhos comumente tomados. É uma experiência *marcelulose*, que logo nos imprime uma maquiagem escura e preta envolta dos olhos, nos fazendo pensar em dançar, rasgando a sensação de normalidade.

Pianki

Outras duas faixas da coletânea são do produtor e DJ ***Pianki***, de família advinda de Pelotas, na região Sul do estado, lugar de extremos e de grande força, que carrega muito da tradição e do vigor da cultura afro-riograndense. Nascido em Porto Alegre, é residente do bairro Partenon, que é uma região de muita história e de fomento cultural em Porto Alegre – bairro esse que teve seu início através de encontros de literatos da cidade no século XIX.

Com essa base toda, não podia dar outra: membro da *label* **ZONA*exp.*** e do coletivo ***Turmalina***, é uma peça importante na *cena* contemporânea da capital. Com suas produções, influenciou muitos e muitas produtoras, dividindo seus conhecimentos adquiridos de forma autodidata e coletiva. Começou a produzir em 2016, através da influência de ***Mateus Tabu***, outro nome de muita importância para todos os envolvidos neste projeto, e que também tem uma história íntima com o bairro Partenon.

Na faixa "Dope Machine", traz elementos de *rave* e *electro*, que é uma característica das suas produções. Já na faixa "Agitador II", ***Pianki*** mostra bem sua personalidade, de sonoridades noturnas, uma boa e velha música de boate. No decorrer da faixa, é possível sentir

a entrada dos elementos sonoros com uma certa solidez, algo que ele já apresentou em outras composições. O que tem tudo a ver com a função que **Pianki**, por muitas vezes, exerce no meio cultural no qual está inserido, produzindo festas e encontros que exalam no público um sentimento gritante: estar *fazendo* e *sendo* algo relevante, nem que seja por uma noite.

Nog4yra

Una vulgo ***Nog4yra*** – nascido em Porto Alegre, mas residente por uns bons anos de sua vida na cidade de Guaíba – como todes envolvidos nesse projeto, tem sua trajetória marcada por eventos e festas de rua, como ***Cerne***, ***Largo Vivo*** e ***Arruaça***. Quando se mudou para a capital, acabou por buscar formas de viver uma cidade em efervescência, da cultura de rua, de pista e DJ.

Nog4yra conta como foi seu momento de disrupção, com tudo que estava vivendo: "*Não me recordo bem ao certo qual era o nome do evento e qual coletivo produziu – ouvi uma voz feminina cantando no meio de um set... dava pra perceber que era pelo microfone, e não uma música com vocal. Esse foi um momento chave, fiquei intrigado com o som que ouvia, era diferente. Uma mistura de música experimental, uma voz feminina cantando com uma performance totalmente diferente, marcante, dramática e emocionante. Aquela voz era da* ***Saskia***". Depois desse dia, começou a procurar por mais músicas daquele tipo, que transgrediam o que pensava ser um DJ set: "*A arte dela não parecia ter regras, não tinha nada de artificial ali, era pura pulsão espontânea em forma de arte*".

E é isso que encontramos nas *tracks* que **Nog4yra** apresenta neste VA, como em "Sem medo", que contém elementos de uma pista dançante, mas que também apresenta uma profundidade e um comprometimento em fugir de caminhos comuns ou comerciais. Já na sua segunda composição, "Quem é um adicto", ele traz à tona um assunto que muito precisa ser respeitado e conversado, nesta ou em qualquer outra cena musical e cultural: o uso e eventual abuso de aditivos. Una nos rasga em realidade e nos convida a pensar sobre o uso de drogas e algumas de suas consequências, que por vezes podem ser ferozes. É um convite para pensar em como viver melhor e com qualidade de vida.

Mtn9090

Martinelli, **Mtn9090**, ou simplesmente Marcos, é um DJ e produtor que tem como uma de suas características dar títulos muitos originais e intrigantes para suas *tracks* – o que eu particularmente adoro. Ele é dono de um humor ácido e muito elaborado, algo evidente em suas produções. Natural de Itaqui, região Oeste do estado e fronteiriça com a Argentina, tem em Viamão, na região metropolitana da capital, seu lugar de origem e início de sua atuação. Fez e faz parte de núcleos muito importantes para o desenvolvimento da *cena*, como **Arruaça**, **Plano**, **ZONAexp**.

Nas *tracks* que compôs para o VA, se guiou na memeficação da música e na criação com recursos limitados. Na faixa "Ê dureza", traz consigo um pouco de Viamão na composição, como dito por ele mesmo: "*Embora tenha*

sido produzida em Porto Alegre, na minha segunda casa, no Centro Histórico, sinto que ela carrega muito uma questão de conurbação urbana. Para mim ela está carregada de um sentimento que existia no translado para a zona metropolitana e que eu levei comigo para Porto Alegre".

Já a faixa "Diga a Palavra Final" foi produzida na sua terceira casa em Porto Alegre, no bairro Cidade Baixa, mas no processo de transição para São Paulo, onde reside atualmente. Isso acabou influenciando na composição da *track*, que é mais dura, sintética, apresentando uma cara mais de capital do que de zona metropolitana.

Turva

Taty Rosa ou ***Turva*** é natural de Novo Hamburgo, do bairro Roselândia, faz parte do coletivo ***Turmalina*** e é a presença feminina neste projeto – que apesar de ser inovador e buscar equilibrar as inúmeras diferenças e disparidades, tem apenas uma mulher na coletânea. Isso evidencia que temos muito trabalho a ser feito para que, de fato, possamos construir espaços mais igualitários, mesmo nas margens. As duas *tracks* contidas neste VA são também seu lançamento como produtora musical – já atua como DJ e produtora cultural.

Turva é uma presença marcante no álbum, suas faixas trazem uma sutileza para o conjunto. Confesso que, quando fui exposto a esse disco pela primeira vez, ficava só esperando para ouvir mais uma música dela. Caiu muito bem na produção como um todo.

A primeira faixa, "NOIDEIA", mostra toda a leveza e comprometimento que ***Turva*** tem em seus *sets* e em suas atuações na *cena*, é um convite para uma imersão sonora de olhos fechados. Já em "909", ela vem com uma música mais carregada, mas que ainda mantém a sutileza que a caracteriza neste VA e em seus primeiros lançamentos. ***Turva*** mostra a que veio e, mais do que isto, que está aí para ficar. No processo de produção, pensou muito em perdas pessoais que teve no decorrer deste ano, como de sua amada mãe e seu amigo ***Mateus Tabu***, grande inspiração e saudade de todos nós que compomos essa *cena*.

PV5000

PV5000 é DJ e produtor musical de Porto Alegre, uma das figuras centrais na articulação da cena marginal da capital. Encabeça atualmente projetos que dão visibilidade a corpos marginalizados da cidade, como o coletivo **TTTTT**, formado por pessoas LGBTQIA+, que fomenta fortemente as produções e os artistas locais nesse recorte, além da ***Boiler Baile***, uma festa imensa, que tem como prerrogativa sons periféricos.

Nas composições que fez para este VA, definiu seu som como "*propositalmente sujo*", com timbres ácidos e graves bem marcantes, quase como uma expressão de afirmação. A influência de tudo isso vai além da produção musical em si, "*é uma expressão de identidade*". Isso fica bem evidente em "Break do Doutor", contendo *samples* de funk brasileiro, baterias e sons disruptivos. Apresenta elementos sonoros muito pessoais e que conversam com o

que se tem produzido coletivamente aqui no Rio Grande do Sul. Já em "Bandida Perversa", a coisa fica um pouco mais séria, menos ritmada e com vocais mais intensos. PV entrega o que prometeu, uma sujeirarada das boas.

Faylon

Faylon, que tem família de origem quilombola, do Quilombo do Areal, mas que posteriormente acabaram se mudando para a Zona Sul de Porto Alegre, viveu por muitos anos em Viamão, na região metropolitana, onde passou sua juventude. Filho de Xangô, tem seu senso de justiça e equilíbrio aflorado. É DJ e produtor cultural, ator e tantas outras coisas que ele quiser ser, e tem um comprometimento com o que faz de forma sincera e política. Teve passagem por coletivos importantes da cena musical em Porto Alegre, tendo como pontos de atuação áreas muito diferentes, de festivais de *psytrance* a boates de pop. ***Faylon*** é definitivamente um multiartista, o que fica evidenciado nas composições que traz para esta coletânea.

As faixas que ele apresentou trouxeram uma referência à musicalidade do *psytrance*, apresentando muita ambiência e elementos contínuos, o que acabou por deixá-la mais longas, proporcionando um caminho de sentir e imergir, que é diferente das outras composições presentes no VA. Em a "Substância do sentir", apresenta um grave acelerado e constante, que nos gera muita vontade de dançar, mesmo sendo uma *track* de 110 BPM. O movimento corporal proposto por essa música é um

movimento menos óbvio, com os elementos percussivos propositalmente mais espaçados, nos guiando a sentir essa canção.

Já em "Brincar", **Faylon** nos apresenta elementos sonoros de um parque, um *playground* com crianças e brincadeiras ao fundo, uma canção mais divertida, que nos remete ao espaço *chill out* de um festival, ao mesmo tempo que também nos leva para algo mais introspectivo, um sentimento mais interno e não tão festivo assim. Suas produções mostram a sensibilidade do artista que é, e evidenciam a pluralidade das criações dos artistas que temos aqui no sul.

Mas afinal, que "cena" é essa?

Mariana Gonçalves

Como um manifesto que instaura um marco importante no cenário da música eletrônica em Porto Alegre, revelamos um grande percurso que leva artistas a circular e descolonizar o olhar das pessoas sobre o que é fazer arte. As tensões presentes na construção e na mobilização de uma cena noturna ganham notas de melancolia e tons de radicalidade que aceleram entusiastas das batidas eletrônicas e sintéticas. A onipresença dos artistas possibilita a criação de territórios marcados pela prática do sentir, pensar, vivenciar e experienciar pistas, sejam elas em *clubs*, inferninhos, *afters*, bares ou pelas ruas. Mas, afinal de contas, o que é uma *cena*? Como construímos uma *cena*? De que *cena* estamos falando? Quais corpos compõem essa *cena*? Quais lugares?

Marginália Metropolitana suscita ideias, mobiliza sensações e nos transporta para lugares criados a partir de experiências sonoras. As inúmeras identidades presentes no conjunto da obra expressam as vozes oriundas de complexas vivências a partir de diferentes perspectivas, lugares e contextos. Estar à margem por vezes pode suscitar o

desejo de deslocar-se do ponto de invisibilidade corriqueira para corpos marginalizados, trazendo esses corpos para o centro da atenção do cenário criado pelo ecossistema da cultura de um lugar.

Evidentemente, ser artista na contemporaneidade requer passos ousados e movimentos anárquicos, que possibilitem romper padrões estabelecidos sobre o mundo da arte, a indústria cultural e seus costumes. Ser artista marginal, oriundo de classes populares, define posições e provoca tensões que dizem muito sobre seus territórios de origem e suas relações com as lutas travadas no cotidiano. A percepção sobre o que é a arte ou o que é ser artista não deveria ser algo interpretado a partir da premissa da universalidade. Ao contrário, a pluralidade e a diversidade das narrativas presentes em cada performance, lugar, tempo e espaço dá sentido ao que podemos nomear como *cena*, ou seja, a heterogeneidade de uma cena cultural é algo que deve ser entendido como um campo fértil de criação e múltiplas potencialidades artísticas.

"cena 1"

O relógio marca 23h50 quando o celular bipa uma mensagem recebida pela notificação do facebook: *"seu evento inicia em 10 minutos"*. Na sala, cerca de seis amigos estão bebendo e conversando sobre a festa que entraria madrugada adentro. O local ainda não havia sido revelado e a dúvida entre os presentes era sobre as possibilidades de chegada e o percurso a ser feito até lá. Luiza estava sentada no braço do sofá, usando um vestido preto com alguns

detalhes em branco. Gesticulava com os braços abertos compartilhando sua indignação sobre as falhas da produção, que ainda não havia publicado o local da festa, dizendo ser falta de organização e responsabilidade com o público que aguardava pelo anúncio. Zé, fumando um cigarro na janela, relativiza a fala de Luiza e indaga sobre os motivos daquele alvoroço todo, dizendo que provavelmente o local seria acessível e haveria a possibilidade de ir caminhando até o rolê. Enquanto isso, Carol, que preparava o *drink* na cozinha, dá um grito dizendo que, com certeza, tudo daria certo, só deveriam decidir qual o melhor meio de transporte. Leo avisa: "*oh saiu, vai ser na prainha!*", todes se perguntam: "*na prainha? por que? lá na puta que pariu?!*" – a indignação de Luiza contagia todes e faz com que a reclamação tome conta da sala retangular, com um sofá encostado em uma parede, uma mesa de vidro na outra, um *rack* amarelo com uma televisão e alguns copos de *drink* e latas de cerveja espalhados por cima. A TV servia como caixa de som no momento, onde passava a gravação do set de um dos DJs do l*ine up* da festa. Os passos de um lado ao outro da grande sala começam a produzir sons estridentes, remetendo a agitação do momento, quando todes já estavam prontos para a noite, porém, incrédulos com o local proposto pela produção da festa. Lucas sugere uma última rodada antes de decidirem qual o melhor meio para o deslocamento da galera, a ideia era dividir os dois comprimidos de *ecstasy* antes de sair de casa e dar tempo de "bater" quando chegassem na festa. Ananda confere o aplicativo de carro no celular e se espanta com o valor da corrida, que gira em torno de oitenta reais. Ela comunica a galera, mas o valor não é algo que pareça ser um problema.

Luiza, que já estava indignada, lança: "*o problema não é o preço, mas como vou com esse vestido para a prainha?*". A prainha é um lugar que passou por um processo de transformação radical após uma catástrofe climática que atingiu a cidade da ponte pra lá. Nesse lugar havia uma orla muito bem ornamentada em sua paisagem e cimentava a divisão entre o rio e a cidade. A orla ficou submersa depois da catástrofe e a cidade restou abandonada pela administração municipal, quando o prefeito fugiu com o valor doado por uma multinacional para sua reconstrução. No lugar havia alguns galpões que abrigavam fábricas devastadas por uma enchente, deixando apenas ruínas em determinadas partes da região. Mesmo assim, o cenário era perfeito para uma festa, que utilizaria a estrutura coberta de um dos galpões como parte de sua infraestrutura. Os fundos do local tinham vista para o rio e produziriam uma visão do sol nascendo pela manhã, atrás das ilhas. Gika era uma das mais introspectivas da sala, pois estava sentindo algo dizer que não deveria ir à festa. Como uma intuição forte que insiste em soprar os ouvidos? Ou uma paranoia com efeitos que se expandem pelo corpo? Sentia seu corpo esquentando, suas bochechas queimando e as pernas frouxas. Gika respirou fundo, tentando afastar a sensação estranha que a envolvia. Enquanto seus amigos discutiam animadamente sobre a festa, ela se levantou e se afastou um pouco, buscando um canto mais tranquilo da sala. A música alta e as risadas pareciam distantes, como se estivesse em um mundo à parte. "*Ei, Gika! tu tá bem?*" Carol perguntou, percebendo que a amiga estava um pouco distante: "*acho que bateu, amiga, me dá a mão*".

"cena 2"

Luiz se arruma em frente ao espelho de seu quarto, enquanto ouve funk mandelão na pequena caixa de som posicionada em cima da escrivaninha. Estava ansioso, pois iria encontrar Luiza, a gata com quem trocou uns beijos na última festa de rua, há cerca de um mês. A expectativa era grande para encontrar Luiza, e talvez receber um convite para conhecer seu apê no centro histórico. Luiz não se importava com o abismo social que separava os dois, só queria mesmo rever Luiza e sentir sua pequena boca novamente. O combinado era que encontrasse Rapha na estação à 0h45, pois pegaria o último trem às 23h30, já que seu turno de trabalho no supermercado terminava tarde. A casa de Luiz cheirava a umidade, após ter ficado submersa por 20 dias durante a enchente, e as roupas novas que ganhou de doação estavam impregnadas com aquele odor desagradável. Ainda que já estivesse acostumado, borrifou perfume algumas vezes na tentativa de esconder o cheiro, para que não fosse notado. Luiz segue caminhando em direção a estação Mathias Velho, compra o cartão SIM, passa a catraca e aguarda o trem chegar. A viagem dura cerca de 45 minutos, onde Luiz observa as luzes da cidade passando rapidamente pelas janelas do vagão. Ainda se viam resquícios da devastação causada pela catástrofe climática do ano anterior, e tudo ainda estava muito latente na memória das pessoas que habitam os lugares atingidos. Luiz estava começando a produzir algumas *tracks* despretensiosamente, mas seu *notebook* e o par de monitores de áudio foram levados pela água, logo depois que os adquiriu. Este era um segredo que guardava

entre ele e seu melhor amigo Rapha, que foi DJ por um tempo, mas desistiu do ofício, pois sua mãe adoeceu e precisava de cuidados específicos de saúde. Quando Luiz perdeu seus equipamentos, Rapha cedeu os dele para que retomasse às produções e se aventurasse como DJ. Por um tempo, a dupla se encontrava pelo menos uma vez por mês para produzirem e tocarem juntos, no apartamento que Rapha morava com a mãe, onde entravam as madrugadas selecionando *tracks*, *samples*, *beats* e criando sonoridades que contassem narrativas criadas por eles naquele momento. Um dia resolveram que iriam lançar um EP, não sabiam como nem quando, mas tinham esse objetivo, e por isso circulavam pelas festas de música eletrônica na cidade e na região, para entender o que a pista mais curte ouvir, sentir e transar. Ao chegar na estação Mercado, Luiz confere o celular e percebe que recebeu uma mensagem de Rapha: *"cara, fudeo! toque de recolher aqui no Morro, mataram um cara no Central. o bicho tá pegando, não vai rolar sair de casa..."*

Dentro da mesma cidade e nos múltiplos territórios, que são produzidos pelos corpos que nela habitam, diferentes lugares, narrativas e propósitos se apresentam. Por exemplo, uma festa pode se configurar como um território de tensionamentos colocados frente a frente, na medida em que seu público se mescla, se choca, acessa ou não determinados espaços. Sem a pretensão de romantizar relações que se estabelecem em determinados nichos sociais, historicamente excludentes, há um processo de resistência exercido por corpos dissidentes, que resgatam

seu protagonismo como mote ancestral da criação de "cenas de música eletrônica pelo mundo" – mais tarde apropriada cabalisticamente pelo Capital e pela branquitude. Os personagens acima e seus contextos nos fazem refletir sobre esses tensionamentos, conflitos sociais, raciais, econômicos, presentes nesses espaços.

Em Porto Alegre e na região metropolitana, existe uma *cena* consolidada e cada vez mais protagonizada por corpos não brancos e de origens periféricas, o que oferece para o cenário cultural local uma gama de possibilidades de acesso e um senso de resgate de narrativas historicamente ofuscadas pelo processo de elitização da música eletrônica. Ao longo dos anos, a conscientização do público e das pistas de dança a respeito de pautas antirracistas, antissexistas, anticolonialistas etc. vem tomando um espaço importante e modificando a paisagem dos espaços antes inabitáveis para determinadas pessoas. Não é mais só sobre o som, mas avançamos para um entendimento sobre as raízes, origens e conflitos que se apresentam, buscando democratizar o acesso a lugares, recursos e ideias, de modo a criar estratégias de resistência que confluem para uma encruzilhada de troca de saberes. Mesmo que haja muitos elementos presentes no que se escuta e se dança nas pistas, os ritmos e as sonoridades se curvam para o novo, e assim a *cena* vai se atualizando, contando novas narrativas, o público vai se libertando de determinados padrões e vamos deixando nossos rastros pelos lugares que influenciamos através da arte.

Réquiem

Leo Felipe

Cinco lições do punk

1.

Talvez o maior legado que o punk nos deixou desde seu aparecimento há quase 50 anos tenha sido aquela máxima que aconselha a fazer as coisas por nós mesmos. A ética DIY implica a tomada de meios disponíveis de modo que estes justifiquem os fins. É uma filosofia antielitista, baseada na contingência, e que encontra no amadorismo uma postura que se opõe a qualquer noção de autoridade ou especialização. Para tanto, requer compartilhamento de conhecimentos e senso de coletividade, porque a verdade é que nenhuma pessoa faz qualquer coisa ela mesma *sozinha*. As supostas origens do termo *do-it-yourself*, contudo, parecem localizadas numa realidade mais solitária, referindo-se a um método de trabalho por conta própria que não recorre à contratação de profissionais, especialmente na construção ou no reparo doméstico. Segundo o Wiki-

pedia (um tipo de enciclopédica DIY), foi nos anos 1950 que passou a descrever uma atividade de caráter tanto criativo e recreativo quanto econômico. Algo posicionado, portanto, em algum ponto indeterminado entre o lazer e o trabalho. A abordagem DIY supõe também que se tenha em mãos ferramentas para que a tarefa seja executada, mas não indica que seja preciso necessariamente comprá-las: podem ser negociadas, emprestadas, apropriadas, roubadas, improvisadas... Adversidade dada, a resposta sugerindo a ação direta (monte sua banda, grave sua música, publique seu *fanzine* etc.) intenciona possibilitar o surgimento de situações que rompam com a lógica espetacular da passividade. Contudo, de certa forma, promove uma espécie de elogio à livre iniciativa típica da ordem liberal.

2.

Em 1977 disseram que o punk morreu. Foi no dia em que o Clash assinou com uma gravadora multinacional.

3.

Se por um lado vivemos num tipo de distopia *cyberpunk*, habitando centros urbanos degradados, onde a opulência e a alta tecnologia têm como outro lado da moeda a extrema miséria e a falta de acesso, diante da tirania das megacorporações que controlam todas as esferas de nossas existências, por outro, muito do que passamos a reconhecer como estilo punk se tornou hoje item de museu

– ou artigo de *fast fashion* da temporada passada. É certo que sua linguagem visual, que tem na colagem a expressão definidora, nunca trouxe novidade, apenas replicou formas e técnicas de movimentos de vanguarda do século XX. Em termos sonoros, seguem ensinamentos válidos a economia de recursos, a simplicidade, a agressividade e o ruído, mas o formato exemplar da banda punk – guitarra, baixo, bateria e vocal – tornou-se obsoleto. Se um dia o rock foi sinônimo de rebeldia e contestação, hoje ele se transformou em veículo do reacionarismo e da nostalgia. E o que dizer do *steampunk*? (uma sugestão, diga: neoconservadorismo). Para Genesis P-Orridge, musicalmente o punk é nada mais que o *blues* eletrificado *acelerado* e, por essa razão, não seria uma proposição estética adequada para traduzir as novas sensibilidades e sonoridades de um mundo em transformação, um mundo em vias de superar o estágio produtivo industrial rumo às novas dinâmicas do capitalismo especulativo e informacional.

4.

O que nos leva de volta à primeira lição. Postura, atitude (uma performance?). Um jeito de estar no mundo e de fazer as coisas muitas vezes associado a concepções anarquistas, que incorporam práticas alternativas nos modos de habitar, comer, amar, criar e de se relacionar com a violência e o poder. Outras vezes ligado a uma vontade irrefreável de destruição (a conduta de algumas figuras da extrema-direita guarda semelhanças com o niilismo do

punk). Em comum, há sempre uma obsessão pela *autenticidade* e uma preocupação *ontológica* sobre como se deve ser verdadeiramente. E àqueles que consideram o punk de butique uma falsificação, é preciso lembrar das lojas que tiveram Vivienne Westwood e Malcolm Mclaren, em cujos provadores o punk foi parido (ou teria sido ele abortado? O punk é um natimorto). É, portanto, uma experiência de consumo, além de ser também um problema racial (para Dick Hebdige, o punk foi uma resposta branca à presença de imigrantes caribenhos em Londres). Se nele houve um elemento arte, um tipo de rigor conceitual, também houve um aspecto bastante popular (e populista). Essa expressão cultural, artística e comportamental encontrou ressonância com os anseios de uma juventude desiludida vivendo em centros urbanos e periferias de muitas partes do mundo.

5.

Irônico que um de seus grupos embrionários tenha sido o Suicide, um duo eletrônico.

Ódio à arte

Mais ou menos na mesma época que o punk estava nascendo (ou morrendo), o filósofo marxista britânico Roger Taylor publicava um estudo contestando o estatuto da arte como "categoria universal do espírito" ou expressão elevada e transcendente da condição humana. Lançado em 1978, *Arte: inimiga do povo* descreve a arte como

uma ferramenta conceitual refinada, desenvolvida num momento histórico específico por grupos sociais dominantes, visando a proteção dos próprios interesses de classe. O argumento central do autor é que a arte, tal qual a conhecemos hoje, foi inventada pela burguesia durante a Modernidade para obter legitimação perante a nobreza e o clero. Assim, quando hoje alguém diz que "odeia arte", suponho que odeie a presunção elitista vista em muitos discursos e práticas artísticas contemporâneas. Ódio à arte = ódio de classe.

Silêncio

Tem um enorme vazio que preenche o espaço instantâneo entre um beat e o próximo.

Para Mateus, in memorian

Dance reaction

Gestos não podem ser controlados, o corpo é assolado por uma vontade de liberdade. Braços e pernas estão machucados, a dinâmica entre o ritmo e as amarras consome toda a atenção. Poderia fraturar o crânio na queda. Uma coisa é certa, continuarei dançando e não serei mais enganado pela razão. A festa é o meu protesto inútil. Participa dela quem quiser. Éramos mais de 4.000 dançando em incoerência frenética reunida em frente ao palácio do governador. A multidão crescia cada vez

mais. As autoridades ficaram alarmadas e ao exército foi ordenado que nos isolasse para evitar o contágio. Música foi administrada para apaziguar o silêncio, mas ela apenas exacerbou o delírio. De repente, os corpos são dominados por movimentos excessivos e desassociados – mãos sacudindo, pernas dobrando, braços erguidos para o alto, girando. Uma quantidade de pessoas caiu exausta, mas muita gente ainda continuou dançando. Afinal, que coisa é essa que não existe chamada justiça? Dizem que ações espontâneas de forças populares criam novas formas sociais. Dançar sempre foi uma maneira de negociar poder. Pretendemos abordar questões de deliberada beatitude. Enquanto a noite se aproxima, mais pessoas estão chegando, queimando pontes, subindo pelas paredes, desatando o nó dos cinco sentidos. Deram-nos o nome de peste.

Contágio: pista de dança e invenção coletiva

Eduarda Heineck Fernandes

No filme "O Lagosta", de Yorgos Lanthimos, existe uma cena bem curiosa: Os Solitários, dissidentes radicais que resistem à norma do casamento obrigatório[1], dançam em meio às árvores da floresta, usando fones de ouvido. No ritual, apenas uma regra deve ser mantida: não são permitidos flertes. As pessoas devem dançar sozinhas. "Por isso só tocamos música eletrônica", a líder do grupo justifica. Após o breve diálogo, a cena segue com a imagem das pessoas movimentando-se de maneira livre, criativa e singular, sendo possível ouvir bem ao fundo as batidas repetitivas. O que chama a atenção é que, mesmo pretendendo dançar sozinhos, os "solitários" vão até uma parte específica da floresta para dançarem, *juntos*. Será que esse paradoxo poderia expressar, de alguma forma, a função simbólica da pista de dança?

1 Num futuro distópico – ou nem tanto – o casamento, heterossexual, é imposto como a norma da sociedade. Homens e mulheres que não estão em um relacionamento são presos e enviados para O Hotel, onde têm 45 dias para encontrar um par. Caso não encontrem, são transformados em animais de sua escolha. Os Solitários são pessoas que desafiam essa norma, impondo sua própria lógica para dentro do grupo: as pessoas não podem formar casais.

É comum nos relatos de participantes das pistas de dança de música eletrônica a alusão a duas sensações que poderiam ser consideradas contraditórias: a do contágio – na direção da criação de um corpo coletivo –, ao mesmo tempo em que se vislumbra a possibilidade de imersão em uma "viagem" individual, que prescinde da participação direta de quem está no entorno. Ainda assim, essa viagem dificilmente seria alcançada se a pessoa estivesse, de fato, sozinha, tipo na sala de casa (lembra da pandemia?). Parece que a pista de dança permite um trânsito entre as posições de dissolução do Eu no coletivo e, ao mesmo tempo, de mergulho interior; de participação em algo maior e de conexão com aquilo que há de mais íntimo – mesmo sabendo que essas fronteiras, interior/exterior, são relacionais e até mesmo falsas.

Um antropólogo do Sri Lanka, Stanley Jeyaraja Tambiah[2], fala que os símbolos são bons para *pensar* e bons para *agir*. Eu acho essa frase um lacre, e ela sempre fica muito na minha cabeça. A ideia é que os símbolos auxiliam a organizar as categorias da vida cotidiana, reforçando ou desafiando algum padrão social. Então, eu queria sugerir que a gente pensasse a pista de dança como um símbolo, um símbolo de um ritual, que é a festa. No nosso caso, festas de música eletrônica, festas da *cena*.

A pista de dança funciona como um símbolo da possibilidade de invenção coletiva. Talvez seja por isso que Os Solitários se embrenhem na floresta para dançar juntos e sozinhos ao mesmo tempo, pois as experiências de pista são interessantes para a gente pensar, criar novas conexões,

2 Tambiah, Stanley Jeyaraja. Animais são bons para pensar e para proibir, 1995.

desenvolver um trabalho de si, um exercício de mistura do corpo com uma multiplicidade de outros corpos e corpas dançantes. É uma experiência contagiante. E esse contágio pode render proliferações boas e ruins, não num sentido maniqueísta, de melhor e pior, mas pensando através de uma perspectiva de abertura e fechamento, de se deixar afetar pela *vibe*[3].

Tem gente que curte muito ser DJ e tem gente que pira muito nas produções musicais, como a gente vê aqui, neste projeto. E tem quem goste de dançar, andar de um canto a outro da festa, dar um *close*, fazer e acontecer enquanto dança – talvez seja mais o meu caso. Na verdade, hoje, eu nem danço tanto assim, mas ainda gosto de firmar meu papel enquanto pista. Agindo e pensando. Dançando e brisando.

Sendo a pista de dança um símbolo do contágio, me parece evidente a ideia de uma cultura de pista ou cultura *clubber* – esse tempo e lugar em que as proliferações ocorrem – que é vernacularizada, ou seja, que faz parte de um conjunto de referências globais (*tracks*, *looks*, *sets*, *lines*, *flyers* etc.). Essas referências, contudo, ganham significados específicos localmente, ou melhor, tomam corpo localmente. Digo tomar corpo, porque, pra mim, é através do corpo que essa "tradução" é feita. Então, proponho pensarmos que essa proliferação de significados, de formas de pensar e de agir a partir dos símbolos, se dá por *contágio*.

3 Sobre "*vibe*", indico o artigo de Pedro Peixoto Ferreira (2012), intitulado "Fuga, transformação e sociogênese na música eletrônica de pista: experiências e experimentações de um DJ de Techno" e a dissertação de Ivan Paolo Fontanari (2003): "Rave à margem do Guaíba: música e identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre".

O que quero dizer é que é difícil não se contagiar ao participar de uma pista de dança. Um contágio dos corpos, das músicas, das prescrições, e todo aparato sócio-técnico. Contágio que buga as fronteiras entre sagrado e profano. Esse é um tema clássico na antropologia e, a partir do trabalho de Mary Douglas (aqui carinhosamente apelidada de MD), quero expor a dimensão simbólica e não física do contágio.

No trampo da MD, ela tá preocupada em pensar os tabus de algumas práticas alimentares e religiosas – algo que parece não ter muito a ver com nosso tema das festas, mas que trago para ilustração. Por exemplo, como se dá o contato com os alimentos que são considerados impuros para determinado grupo? Esses alimentos são considerados contaminados, num sentido simbólico, pois não representam necessariamente um risco físico às pessoas. Fica claro que o contágio representa um risco a norma: aquilo que foi contaminado ameaça a ordem estabelecida, tornando as coisas fora de lugar sujas, poluídas.

E isso ajuda a gente a pensar a partir do que a galera que produziu o VA tá falando: a ideia de sujeira, poluição e ruídos é trazida o tempo inteiro pelos próprios artistas nas conversas e entrevistas que fizemos para organizar este projeto. Da mesma forma, o contágio aparece nas formas de relação entre as pessoas que compõem esse cenário musical, atuando como uma espécie de tecnologia social que convoca à participação, que convoca novas pessoas a dançarem, a tocarem e a produzirem música. "Ah, eu vi o *set* da fulana e isso me deu vontade de começar a tocar, aí criei a festa X". A frase é genérica, mas representativa de muitas pessoas e coletivos que conheço ou que estão presentes na coletânea. A galera se inicia no *djismo* ou na produção musical através

do contágio, que muitas vezes é simbolizado na experiência compartilhada da pista de dança.

Em meados de 2019-2020 – época em que *track* "Ê dureza" do DJ Mtn9090 foi iniciada –, metade dos artistas vivia num mesmo apartamento no Centro Histórico de Porto Alegre. Eles contam sobre o vai-e-vêm de pessoas e como foram estimulando e contagiando uns aos outros. Na época, alguns estavam começando a se experimentar na produção musical, que, por si só, também pode ser pensada como agente de contágio: as frequências sonoras e as batidas repetitivas criam formas de propagação simbólica, onde música, pista e DJ são categorias de difícil separação. Elas são invadidas, contagiadas, uma pelas outras – ainda que exista uma posição de poder e prestígio ocupada pelo DJ nessa relação.

Mas afinal, o que suja o que?

Se tradicionalmente, para MD, o contágio expõe um perigo moral e simbólico que delimita certos tabus, na *cena* de música eletrônica o contágio aparece como força motriz, como potência inventiva que demarca novos lugares e posições no mundo. Aqui, as músicas poluídas atuam como mecanismos de diferenciação, ou seja, como instrumentos que expõem o caráter marginal e periférico da música e dos corpos e das corpas que produzem essas músicas. É a profanação da arte – pura, elitizada, branca, rica, cis, que vem do centro.

O contato entre algo puro, a Arte com A maiúsculo, com algumas substâncias perigosas – alguns tipos

de música eletrônica de pista, o ambiente sujo das festas, as pessoas que ali dançam – atua no sentido de ameaçar aquilo que é tido como regular. Esse contágio, como bem sabemos, reflete nas normas que estabelecem o que é permitido e o que é proibido, o que é considerado normal e o que é tido como desviante. Na pista de dança concreta, símbolo máximo do contágio, a cultura *clubber* genérica (global) ganha cores e gestos locais, profanada através da sujeira marginal.

No contexto da ***Marginália Metropolitana***, a gente pode pensar como a ideia de *precariedade* é mobilizada pelos artistas. Uma precariedade que, obviamente, reflete nas posições desiguais e nas estruturas de opressão, mas também uma precariedade que, segundo essa mesma galera, diz de uma relação contagiosa com seus equipamentos e suas músicas. "Eu odeio arte", "Não me considero profissional, e bem sinceramente não quero isso pra minha produção" são algumas frases que reivindicam essa posição de estar à *margem*.

Então, podemos pensar como a ideia de contágio é negociada entre as pessoas: a transmissão, muito além do caráter físico, é um mecanismo social, que atua no controle do que é permitido, na manutenção dos tabus, diferenciando o que é sagrado do que é profano. O risco da contaminação é a desordem, o risco de uma ruptura do que está estabelecido. Mudança. Perigo.

Para além de uma mera "importação" das referências globais, a música eletrônica – ou melhor, as festas de música eletrônica – também podem ser pensadas como transgressoras de muitas dinâmicas e hierarquias. Não é que não existam sacralizações ou diferenciações;

mas, nesses momentos específicos de comunhão de pista, as fronteiras ficam nebulosas, e as práticas que são convencionalmente estigmatizadas e impuras ganham um quê subversivo. O uso de *substâncias do sentir*, para usar o conceito de **Faylon**[4], pesquisador e artista do VA; a criação de uma estética corporal específica; um código moral diferenciado; a elaboração de uma narrativa sobre corpos dissidentes[5], entre tantas outras.

Esses relatos narram relações diversas entre os grupos, as cidades e as festas. E aqui cabe muito bem a noção de uma marginália metropolitana, dessa galera que vem da região metropolitana – ou que mesmo sendo do "centro", da capital, está à margem – e invade, contagia a cidade de Porto Alegre com novos símbolos, novas formas de fazer música, novas formas de estar na pista de dança.

Finalizando o rolê, destaco novamente que o contágio opera através do corpo, algo central nas festas de música eletrônica. Então, o corpo é o veículo dessa "tradução" dos símbolos globais, da vernacularização – nada mais do que a criação concreta da nossa *cena*. É também o veículo das interações gestadas na pista. O contato, os movimentos, a ação de colocar esse símbolo – a pista – para dançar se constitui a partir de noções que são preconcebidas (globais) e que se deparam com a experiência vivida, o momento,

4 Em sua dissertação de mestrado, intitulada "Malandros, malungos, maconheiros e marginais: Políticas de aniquilamento e as (re)existências nos processos de subjetivação de homens negros", Faylon (2024) propõe uma torção antiproibicionista à noção de "drogas", optando por chamá-las de "substâncias do sentir", conceito que também abarca outras experiências sensitivas, como a música.

5 No artigo "Contaminação clubber: corpo e performance na cena de São Paulo", Morgan Caetano (2023) explora as noções de contaminação, *cena* e performance, entendendo os corpos dissidentes como elemento central na *cena clubber* paulistana.

a *vibe*. E é nesse encontro que surgem possibilidades de criação e invenção. Novas possibilidades de contágio. Nas palavras de Pedro Peixoto Ferreira, uma sociogênese[6].

A pista de dança é o símbolo do ritual das festas, ou melhor, é *um* símbolo que sintetiza a possibilidade de invenção nessas festas. Essa invenção se dá, em grande parte, a partir de uma negociação entre o DJ e a pista, a dança e a música. E a *cena*, em sua dimensão vernacular, contagia um grupo de pessoas, que performam essas referências localmente através dos seus corpos. Na pista, que é símbolo de mistura e invenção, essas referências são colocadas em ação com o desejo, construindo uma singularização, criando na prática uma versão própria daquele universo: modas particulares, invenção de si e do mundo. Nunca é igual ao referente, sempre ganha sabores e texturas locais, o que dá mais espessura ao fenômeno enquanto realidade.

6 Processos de associação que compõem (ou criam) novas coletividades. Pedro Peixoto Ferreira (2012), no artigo já citado, mobiliza o conceito de sociogênese para pensar a relação DJ-pista, música-dança, som-movimento. Tais elementos só se constituem mutuamente, não existem antes de entrarem em ação.

Hoje, já nem me lembro quando morri

Gabriel Bernardo

Essa história aconteceu. Talvez não exatamente da maneira como está sendo contada, talvez não exatamente com estas personagens – que foram todas inventadas. Talvez ela não interesse a ninguém, talvez interesse apenas a quem gosta do assunto. Mas, tratando-se de fatos, ainda que questionáveis, ela insere-se na concretização vacilante, no fazer próprio das histórias, das nossas histórias. Essa história está acontecendo agora.

Já nem me lembro quando morri. Despertei já morta, com o pescoço torto, dor nas costas, a cabeça apoiada numa parede de pedra dura e fria, sentada em um degrau de pedra ainda mais dura e ainda mais fria, que denunciava uma presença maior de ossos do que de carne na minha bunda magra. Retornei à vida somente quando ouvi as graves engrenagens automáticas da fechadura abrirem, acompanhadas de um apito eletrônico, indicando que o portão, agora, estava destrancado. Espiei de assalto sobre o ombro o largo saguão. Num movimento reflexo, virei a cabeça rápido, apesar do torcicolo, sentindo simultaneamente no

ventre o medo de que fosse só mais uma vizinha aposentada descendo pra passear com o cachorro e a esperança de que fosse ele. O sorriso me dominou e o alívio fez até as dores sumirem por alguns instantes. Saltei daquela pedra dura e fria e corri pra abraçá-lo logo que ele abriu o portão pesado do edifício. Estava salva!

O rapaz entrou apressado no elevador, apertando o botão redondo com a letra "T" várias vezes, como se a insistência do gesto pudesse acelerar a velocidade do equipamento. Logo que começou a descer, após o solavanco e os ruídos de geringonça anunciarem o início da jornada vertical, conformou-se em relação ao tempo da viagem, que dificilmente mudaria. Do sétimo ao térreo deveriam ser cerca de 40 segundos – o que parecia uma eternidade toda vez que descia com a pressa que estava naquele momento. Acontece que era muito comum descer com pressa, pois geralmente estava atrasado para seus compromissos, ou pior, esquecia que alguém esperava lá embaixo – o que era o caso. Resignado, resolveu batucar com a chave na parede de madeira do elevador, ato inconsciente que ajudava a dissolver o breve sentimento de culpa e de vergonha gerado pela insistente falta de memória que o acompanhava ao longo da vida.

Ingressou no saguão de pé direito alto e atmosfera fresca já sem pressa, como se a batucada na parede do elevador tivesse devolvido a paciência e a calma que eram marcas notáveis de sua personalidade. Visualizou a cena, um pouco lamentável – a guria dormindo de pescoço torto, sentada no degrau e com a cabeça apoiada na parede – e sentiu outra pontada rápida de vergonha por sua cabeça

de vento. Eles haviam combinado na noite anterior que ela iria em sua casa, pois precisava de ajuda pra terminar uma *track*, e já durante a manhã havia lhe chamado pra confirmar a sessão de produção, que rolaria em seu intervalo de almoço. O combinado inicial, na verdade, era se encontrarem à noite, após o expediente dela no trabalho, mas lá pelas dez e meia da manhã ela chamou ele no *zap* e propôs a mudança de horário.

Eles tinham se encontrado na noite anterior num bar, onde rolam uns DJs sets da crew que ele faz parte – um *pointzinho* da *cena* – e lá ela contou, enquanto empinava um copão de cerveja bem gelada, que tinha aceitado o convite pra fazer a *track* – uma coletânea de um edital, ou alguma coisa assim –, mas, obviamente, não fazia a mínima ideia de como se fazia isso. Até já tinha feito uma *track* com uns amigos, meio brincando – "até que ficou tri" –, mas fazer sozinha? Nunca. Sabia, no máximo, abrir o Ableton, e olhe lá. Na real, teve uma vez que tentou abrir e nem funcionou. Até nisso o amigo teve que ajudar. Obviamente, já se esticou: pediu "um *help*" pra organizar a faixa, mixar e exportar. Mentira. Na real, queria aproveitar ele pra tudo! Chegaria lá com um arquivo cachorreiro, meia dúzia de trilhas, alguns *samples* de internet, umas baterias basiconas, porque sabia que ele ia largar ela bem, ia tirar leite de pedra, como costumam dizer.

– Chega lá na baia amanhã...

– Bá, bem certinho, eu trabalho do lado da tua casa, depois do trampo eu colo, pode sê?

– Claro!

O que não estava nos planos era o *after* que ela

decidiu fazer. O rolezinho no bar terminava cedo, meia noite, e sempre tem uns diabinhos que querem dar uma esticada, nada muito longe, duas horas tá todo mundo em casa. Mentira de novo. Ele foi pra casa, pois já tinha feito muito disso em sua caminhada na *cena*, que era relativamente mais longa que a dela, apesar dele ser mais novo. Ela, ao contrário, embora já tivesse passado dos trinta, ainda estava deslumbrada com todas as sedutoras e deliciosas ilusões que a noite tem pra oferecer. Resolveu enganar a si mesma e "dar só uma passadinha", fumar um último cigarro, tomar a última cerveja. Aquelas terças-feiras eram armadilhas muito agradáveis de se atirar. Saiu de lá às seis da manhã, com a bebedeira eclipsada pelo pó – um eclipse parcial, poderíamos dizer. Resolveu ir a pé do apartamento meio sujo onde passou a noite até o trabalho, pra ver se destravava durante a caminhada. O sol forte no começo parecia uma humilhação... Mas, de fato, na medida em que o corpo se mexia, a travadeira dava uma folga, e o dia parecia até mais bonito. Entrou no andar em que ficava a sua empresa com a cara toda suada, sem coragem de tirar os óculos escuros – se pudesse, trabalhava o dia inteiro com eles.

Ao longo da manhã os sintomas da ressaca foram se apresentando, cada vez mais intensos, e assim ela percebeu que, do jeito que as coisas iam, não ia conseguir trabalhar de tarde – ao menos não naquelas condições. Precisava dormir. Comer e dormir. Nem que fosse um pouco, uma soneca no meio-dia. Mas em seu trabalho não tinha nenhum espaço onde as pessoas pudessem se atirar no intervalo de almoço, e teve vergonha de dormir na cadeira, com a cabeça deitada na mesa. E se acordasse com as folhas tudo babada?

Sentia que seus colegas já estavam sacando, o cheiro de álcool, as respostas monossilábicas, o corpo vagando sem alma. "Não, preciso dormir".

Com o cérebro funcionando a dez por hora, lembrou do combinado com o amigo, e teve a ideia genial de pedir a ele a mudança de horário. Usou a ajuda com a *track* como desculpa para ir pro seu apartamento no intervalo, e tentar tirar ao menos uma meia hora de sono, com a esperança de que o descanso pudesse salvar a tarde, que seria uma tortura ainda mais longa. Nem pensou no almoço – na verdade, naquele instante estava prestes a vomitar –, pediria um *ifood* e comeria em sua mesa, se sentisse fome de tarde. Mas, pra variar, ele era melhor que a encomenda: "pode seeerrrr. vou fazer um rango pra nós", respondeu no *zap*. Perfeito. Saiu da sua mesa ao meio-dia cravado, tocou o dedo no ponto eletrônico e nem recolheu o comprovante inútil que sai daquela máquina. Entrou no elevador correndo, antes da corja de nerds, que são seus colegas de trabalho, abrirem a porta de vidro que separa a empresa do saguão do prédio, fazendo o troço descer enquanto os otários ainda estavam amontoados em fila na volta no ponto.

Enquanto o elevador descia, vazio, moderno e silencioso, mandou no *zap* pro amigo: "tô chegando, pode descer". Um pauzinho. Saiu às pressas da construção alta e luxuosa e correu a meia quadra que separa o prédio do trabalho do edifício do amigo, chegando em menos de um minuto em frente ao portão imponente de ferro e vidro, meio antigo, da idade do prédio. A expectativa de encontrar o amigo e de dormir um pouco aplacou a ressaca, sentiu até fome enquanto esperava. Olhou o celular de novo – agora

já eram dois pauzinhos –, mas a mensagem não tinha sido lida. Catou na conversa o número do AP e tocou o interfone. Com um pequeno *delay*, o aparelho chamou, chamou, chamou... e nada. "Tá, ele tá me esperando, tá até fazendo almoço. Daqui a pouco ele desce...". Resolveu sentar um pouco no degrau da entrada. O cansaço da ressaca se apresentava novamente. Estranha sensação: "que bagulho duro". Sentar ali era mais desconfortável do que esperava. Distraiu-se observando um cachorro passar na calçada do outro lado da rua. Eram muito raros os vira-latas naquela região do centro. Suspirou, um pouco derrotada, sem entender muito o que se passava, e adormeceu ali, com a cabeça encostada na parede de pedra, fria e dura.

– Bááá meeeeu, foi maaaal... eu esqueci de ti completamente! Tava arrumando uns bagulho numa *track*, nem vi o celular. Tem muito tempo que tu tá aí? – a pergunta era retórica, pois ele tinha visto que mensagem dela tinha chegado ao meio dia, e ele só foi ver ao meio dia e vinte.

– Bá, nem sei, peguei no sono aqui. Que horas são?

Ele olha o celular: – Meio dia e vinte e cinco.

– Tá tri, ainda dá pra tirar um cochilo. Bá meu, nem te conto – o sorriso encabulado já entrega tudo – queimei a largada ontem, tomei um foguete.

Ele ri, como se daquela missa já soubesse muito mais que a metade.

– Na real, queria ver se não rola de eu me atirar no sofá e dormir um pouco no intervalo de almoço. Do jeito que eu tô, não consigo aguentar nem meia hora de tarde.

Tava quase passando mal lá dentro, não vomitei por pouco – a súplica dela alternava um tom levemente sedutor com um drama digno de novela.

– Hahaha, claro meu. Vamo almoça e tu dorme.

– Bá, valeu – ela abraçou ele um pouco emocionada.

Subiram o elevador com a mesma lerdeza que ele havia descido. Entre o elevador do prédio de seu trabalho e aquele em que estavam agora devia ter no mínimo uns 50 anos de diferença. Durante a longa jornada vertical, dessa vez pra cima, ele aproveitou pra perguntar, já sabendo a resposta:

– E a *track*?

– Vou ter que pedir mais prazo, né... posso colar aqui amanhã? Bá, na real não, amanhã eu não posso, já tenho outro corre. Pode ser sábado?

Ele escuta tudo como se não fizesse diferença. A questão sobre o dia era dela. Ele, independente do dia, certamente ia pilhar. Parecia que vivia pra fazer aquilo – fazer *tracks* e ajudar os outros. Sem ele nem responder, ela entendeu que podia ser no sábado. Se ia mesmo rolar, isso já era outro assunto.

Entram no apartamento: uma sala ampla e bem iluminada, com sacada, parquet meio gasto e algumas plantas bem grandes perto da janela, onde pegava o sol. Do lado direito, o quarto, com a porta aberta, algumas peças de roupa atiradas em cima da cama. Uma pequena bagunça que fazia a sala parecer muito bem- organizada, apesar de uns três cinzeiros diferentes nos vários lados do sofá, improvisado com *pallets* e um colchão, com um pano preto

por cima e algumas almofadas. No quarto, equipamentos diversos estavam espalhados em uma mesa montada com uma porta sobre dois cavaletes, além de ao menos mais dois cinzeiros, todos vazios. Um *loop* com apenas bumbo e baixo repetia infinitamente nos monitores de áudio:

– Chega aí, tô finalizando um *groove* – ela acompanhou ele pra dentro do quarto, já se acostumando com aquela repetição infernal, que ele levou uns bons segundos para pausar. Reparou nos livros empilhados embaixo dos monitores de áudio, para deixá-los em uma altura maior: Sonic Warfare, do Steve Goodman – que ela mesma havia emprestado –, TAZ, do Hakim Bey, Problemas de Gênero, da Buttler, e uma biografia do Raul Seixas. Não conseguiu espiar os livros do monitor que ficava do outro lado da mesa, mas especulou que fossem do mesmo naipe. Reparou que ele já estava vidrado no projeto da *track* de novo. Achou ele gato.

– Tá, eu faço isso aqui depois. Vamo come. Onde tu trabalha mesmo?

– Trabalho numa empresa de café, num prédio aqui do lado.

– Haha, que ironia. Pelo menos tava tomando café.

– Não, é no escritório. É uma rede, mas tem uns café ali, meio cheio da onda...

– Que sorte!

– Sorte nada...

– Sorte que tu trabalha aqui do lado... e que eu não tenho emprego – ele ri mais uma vez...

Sentados à mesa, ele serviu feijão com tomates,

além de couve, arroz novinho, salada temperada com limão e uma farofa, guardada num pote de plástico turvo e de tampa verde. Almoçam fartamente. Ela serve-se duas vezes, de tão faminta que estava, mas não aguenta finalizar o segundo *round*. Ao terminar o seu prato, ele lança:

– Posso comer o resto? – ele pergunta, apontando para o prato. Ela estranha, mas concorda, tentando disfarçar o embaraço.

– Bá, tava muito bom. Quer que eu lave a louça? – ela pergunta recolhendo os pratos. Mais uma vez, ele ri, respondendo sem responder.

Depois do almoço, ela se joga naquele colchão em cima dos *pallets*, muito mais confortável que o sofá duro que pretendia encontrar.

– Dorme aí. Te chamo que horas?

– Me chama a uma... Uma e quinze...

– Beleza...

Já deitada, afunda a cabeça na almofada. Lembra do *after*, do trabalho que estava passando no serviço durante a manhã, e do amigo abrindo o portão pesado do prédio, com o sorriso luminoso de sempre. Fica excitada. Comprime as coxas e sente um prazer que se espalha pelo corpo todo. Vai aos poucos relaxando e pega no sono. Sonha com o rolê.

Antes mesmo de ser chamada, acorda meio assustada, procurando o celular pra descobrir as horas. Uma e meia. Já tá atrasada. Mas esse atraso tava nos planos. Melhor meia hora atrasada do que trabalhar sem alma.

Milagrosamente, acordou revigorada. Do quarto, ele repara que ela levantou. Ela vai até o banheiro e lava o rosto e a boca. Volta até a sala e se atira novamente no sofá improvisado, mas dessa vez fica sentada.

– Tá melhor? – ele pergunta, tirando o fone da cabeça. Levanta e vai até a sala.

– Bá, bem melhor. Esse sono e o almoço me salvou. E a tua *vibe* boa me contagiou...

– Vou chamar um beck pra nós. Tô sem...

– Bá, na real eu tenho que largar, preciso voltar pro trampo, já tô atrasada. Tu nem lembrou de me chamar, né?

– Isso que eu tô sem beck...

– Eu tenho uma ponta de ontem pra nós – ela pega a mochilinha preta e tira um tubo de ensaio plástico com um baseado dentro.

– Boa, vamo fumando esse, mas tenho que pedir mesmo assim – ele acende a ponta com o isqueiro em uma mão e o celular na outra. Dá vários pegas no beck enquanto digita. Ela levanta, e caminha até perto da sacada, e fica brisando numa suculenta enorme, que enche um vaso de barro muito grande, ao lado da porta.

– Essa planta é muito afudê né. Te liga só, cada pedacinho que cai nasce um pedaço novo. Toda vez que ela cai, ela nasce de novo.

– Ela tá linda mesmo...

– Muito linda, e continua crescendo e se espalhando. Aqui ó, uma bem pequeninha nascendo. E daí ela não morre. Quando essa aqui morrer, que veio primeiro, já tem várias outras.

Demoram alguns minutos olhando a planta e fumando a ponta.

– Bá, o cara vem muito rápido, sete minutos – se espanta vendo a mensagem no celular. Passa o beck.

– Hoje eu morri ali embaixo e fiz que nem essa planta, voltei quando tu apareceu – ela tenta fumar o resto da ponta, mas não consegue.

– KKKK, parece aquelas frase em cima dumas imagem aleatória que mandam no facebook – ele sorri de uma maneira exagerada...

– Hahaha, tá chapado, né?

– Muito... kkkk.

Ficam alguns instantes que parecem horas paralisados olhando a planta... Ela sente, ao lado dele, aquele momento da chapadeira que faz praticamente o tempo parar. Queria ficar ali o dia inteiro.

– Báááá, o cara do beck! – enfia o celular no bolso antes de correr pra porta – Tenho que descer!

Quando ela levantou a cabeça ele já tinha partido, a porta escancarada às costas deixava passar um vento curiosamente gelado. Ela foi novamente até o sofá improvisado e deitou mais um pouco. Resolveu esperar pra fumar mais um com ele antes de voltar. Afundou a cabeça na almofada, macia, deliciosa de tão confortável, e sentiu um prazer estranho, misturado com um frio na barriga, um nervosinho de leve. Sorriu, pelo acolhimento, pela amizade. Em breve ele voltaria. Com o sorriso e com o beck...

Quem escreve

Bruno Barros é natural de Butiá, no Rio Grande do Sul. Atualmente vive e trabalha em São Paulo. Tem interesse no trânsito entre comunicação e produção cultural.

Tom Nunes é um agente-corpo-objeto cultural natural de Porto Alegre, onde atua de forma política e artística desde 2014. Sua atuação é marcada pela presença em coletivos como a Turmalina, onde é produtor desde 2018, o Coletivo Negração (2013/2014), onde encontrou grande parte de seus princípios políticos e identitários, e do coletivo Arruaça (2015), do qual é cofundador. Sempre conectado a sua existência e raízes negras LGBTQI+, Tom é amante declarado da house music e suas vertentes.

Mariana Gonçalves da Silva, DJ Marigdas, é socióloga, DJ, agitadora cultural, mestra e doutoranda em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Gosta de pesquisar as ruas, as pistas, as juventudes e suas artes em movimento. Adepta ao pensamento negro radical, entende que as expressões artísticas negras pelo mundo criam rotas de fuga e enfrentamento ao colonialismo,

ao utilizar o corpo como transmissor principal de conhecimento ancestral.

Leo Felipe trabalha atualmente no mercado de arte, mas já foi dono de bar, cantor de banda punk, DJ, produtor de festas, radialista, apresentador de TV, pesquisador acadêmico e curador. Entre seus livros, destacam-se a sex shop de drugs & food (Quadradocirculo, 2023) e A história universal do after (nunc, 2019), que foi traduzido para o espanhol e lançado, em 2022, pela editora argentina Caja Negra. Um de seus capítulos foi publicado, em inglês, na edição #132 Black Rave do e-flux journal.

Eduarda Heineck Fernandes é Cientista Social e mestranda em Antropologia Social pela UFRGS. Pisciana e anarquista, é pesquisadora vinculada ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT) e ao Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi). Pesquisa junto a uma coletividade indígena kaingang em luta pela retomada de seu território ancestral. É entusiasta das pistas de dança e brisas sobre o rolê, apesar de atualmente um pouco cansada e ligeiramente mais caseira. Também trabalha com revisões de textos, função que desempenhou neste projeto.

Gabriel Vargas Bernardo é DJ, psicólogo e mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Tem se dedicado a construir o rolê alternativo de Porto Alegre há mais de 15 anos, desde que começou a tocar, e enveredou-se para os lados da música eletrônica há pelo menos 10, com a criação do coletivo Arruaça. Desde 2019 desenvolve pesquisas no âmbito acadêmico sobre festas de rua, com artigos publicados em revistas científicas e portais especializados. É organizador deste livro.

Parte Dois

Os *Lugares* e Os *Sons*

Essa é a parte do livro onde o texto se debruça de maneira mais direta sobre o conteúdo musical específico deste projeto: a coletânea Marginália Metropolitana e as e os artistas que produziram as 14 *tracks* que compõem o álbum. É evidente que a Parte Um, como a leitura pode demonstrar, também está totalmente atravessada pela produção das faixas e pela trajetória das pessoas que as realizaram. No entanto, a proposta da primeira parte deste livro é uma ampliação das noções que temos da própria ideia de autoria, demonstrando, através dos textos, que o caminho trilhado até a finalização de uma *track* passa por um conjunto de lugares, pessoas, objetos, pensamentos e sensações que, muitas vezes, ficam obliterados pelo "produto final" da criação artística.

Se, na Parte Um, as e os artistas – que, de fato, sentaram a bunda na frente do computador e gastaram algumas horas de seu precioso tempo com o Ableton Live aberto – aparecem, com raras exceções, apenas como personagens laterais nas histórias que foram contadas, aqui, na Parte Dois, assumem o protagonismo no texto.

Algo que já inicia com a montagem realizada a partir das respostas ao questionário enviado a cada artista, apresentadas como "**A *Entrevista***". Após uma reunião entre escritoras, escritores, produtoras e produtores musicais, mediada pelos proponentes do projeto, onde artistas dos sons compartilharam com artistas das letras seu processo criativo de produção das *tracks* – sem esconder os perrengues que envolvem a produção musical em um contexto de poucos recursos (seja de tempo, de equipamentos ou mesmo de dinheiro) –, ficou evidente a riqueza contida no percurso de cada um e cada uma e nas opiniões que eram trazidas à tona.

Assim, criamos uma lista de perguntas, com a intenção de externalizar detalhes de suas caminhadas "individuais", com a certeza de que a singularidade complementaria de forma muito interessante aquilo que vibra como face de uma coletividade. As respostas à longa lista, além de trazerem nuances cotidianas e episódios importantes das histórias de vida – algo que certamente se expressa na produção das músicas, além de reiterar a dimensão coletiva de cada caminhada –, também revelaram, no decorrer do questionário, os humores que animam a personalidade de cada artista. Desde engajamentos mais românticos com a *cena* e com a produção musical até posicionamentos mais ranzinzas, que foram surgindo com o cansaço – eram 41 perguntas! –, "**A *Entrevista***" compõe um quadro afetivo diverso, que demonstra, na prática, como amor e ódio são duas faces de um mesmo processo de investimento libidinal em relação ao cenário, neste contexto específico da música eletrônica. A produção musical no âmbito do *underground*, ao menos no que diz

respeito aos produtores e produtoras que participaram dessa coletânea – ainda que aqui eu arriscasse uma pequena generalização –, é feita com as tripas e o coração. As pessoas estão, de fato, implicadas no que fazem.

A Parte Dois segue com uma biografia resumida de cada um dos produtores e produtoras musicais, destacando eventos e encontros que tenham, de alguma maneira, contribuído em suas trajetórias artísticas. Se as entrevistas deram relevo à precariedade da infraestrutura – computadores travados, fones emprestados e *softwares* pirateados –, realçando a criatividade e uma certa aposta nestas condições como posicionamentos políticos, éticos e estéticos, as mini bios ressaltam a intimidade que cada artista construiu com a música ao longo da vida, as muitas formas de entrar na ***cena*** e, posteriormente, engajar-se com a produção musical, além do efeito que o encontro com certas pessoas e coletividades cria nas trajetórias "individuais". A escolha pelo uso das aspas justifica-se pelo fato de haver, mesmo individualizando as histórias, sempre um coletivo que se faz presente – de maneira que seja mais apropriado falar em singularização, processo que não exclui a dimensão da vida coletiva, mas reconhece que a história de cada um e cada uma cria conexões próprias e leva, igualmente, a lugares distintos.

Após a sessão dedicada aos produtores e produtoras musicais, finalizando a Parte Dois, apresentamos a biografia conjunta do coletivo **Plano**, responsável pela festa de lançamento deste projeto, que inclui, além da coletânea musical e do livro, a própria festa. A **Plano**, neste caso – como fica evidente nas biografias "individuais" – materializa um esforço político e artístico que é estruturante do

cenário e, mais ainda, dos encontros e das criações que dele emergem: os coletivos de festas de rua. Mesmo tendo surgido em 2017, após o ingresso na *cena* da maioria das pessoas que estão reunidas na coletânea – sendo, de alguma forma, também um fruto deste caldo coletivo anterior –, a **Plano**, desde então, cumpre um papel em Porto Alegre que é fundamental: aposta e sempre apostou nos "talentos locais", atuando de maneira consciente e consistente no fomento do cenário. Não surpreende que tenha sido chamada para produzir a festa, o ritual mítico de entrega e realização intensiva do projeto para a(s) cidade(s).

Neste aspecto, é interessante retomar como as muitas cidades, lugares, festas e pessoas foram importantes na constituição da coletividade de artistas que está reunida na coletânea. Sendo a maioria oriunda, ou tendo vivido grande parte de suas vidas, em cidades da região metropolitana de Porto Alegre, o trânsito (inter)urbano aparece como característica e condição de possibilidade de cada percurso artístico. É muito comum que tenham se deslocado de suas cidades, encontrando o movimento do qual vieram a fazer parte no centro de Porto Alegre. E isso não significa, de maneira alguma, que Porto Alegre seja essencialmente mais importante. Sua relevância só emerge quando participa destes fluxos de pessoas que vêm de diferentes lugares. Assim, é na região central de Porto Alegre que a galera irá encontrar o movimento de festas de rua, muito citado em suas histórias, onde ***Arruaça***, ***Cerne*** e ***Vorlat***[1] têm especial importância.

1 A Vorlat não era especificamente uma festa de rua, apesar de ter tido duas edições na rua que foram muito marcantes. Geralmente ocupava espaços inusitados da cidade, como uma mansão abandonada em bairro

Da mesma maneira, são as sonoridades que estavam sendo criadas e tocadas nas festas de rua – uma grande gambiarra entre "música brasileira", "música latina" e "música eletrônica", por mais que tais distinções hoje pareçam bizarras – que contagiaram[2] os futuros e as futuras DJs, produtores e produtoras musicais, dando sinais sensíveis e afetivos daquilo que ainda poderia vir a ser produzido. É um ouvido que fica fascinado ao captar a voz em cima do *beat*, ou um corpo inteiro que vibra de maneira especialmente nova ao escutar um *set* em pleno espaço da cidade, com direito a *sound system* potente e grave no talo. É este tipo de contágio corporal que enlaça certas pessoas no campo da produção musical, a partir de um encontro, um acontecimento sonoro – coletivo –, que é característico da música eletrônica. Se Walter Benjamin[3] entendeu que o cinema inaugurava não apenas outra linguagem artística, mas igualmente abria campos totalmente novos de pensar e de sentir, a música eletrônica, com suas possibilidades ainda inéditas de corte, montagem, aceleração, ampliação, síntese e distorção, entre muitas outras sequer inventadas, permite nova ampliação das formas de nos relacionarmos com o som e com o corpo – que são movimentos no espaço, tipos de espacialização – aí a importância dos lugares. São novas

---

nobre, cedida por um herdeiro, e uma revenda de carros na Av. Ipiranga. Ao lado de Arruaça e Cerne, marcou o imaginário deste momento da *cena*, em que a música eletrônica e as drogas sintéticas alcançavam um público mais amplo, que até então se contentava com cerveja e indie rock.

2 O tema do contágio no cenário de música eletrônica *underground* foi muito bem trabalhado no artigo de Eduarda Heineck Fernandes: "Contágio: pista de dança e invenção coletiva", na Parte Um.

3 Benjamin, Walter. A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica, 2018.

formas de inventar e criar com a música e com a dança, de ativar seus blocos de *perceptos* e *afectos*.

Então, ao falar das possibilidades abertas no campo do som, e do momento atual de popularização da música eletrônica, nos deparamos com o que há de mais interessante nesta coletânea e neste livro: o registro de uma dimensão *menor* do acontecimento. Não em sua importância – o que a esta altura já deve estar evidente –, mas em relação ao mercado, principalmente. Os artistas e as artistas que aqui se apresentam fazem parte, certamente, de uma perspectiva ainda muito subterrânea do que pode ser encarado como a "indústria". Poucos conseguiram ou sequer têm chance de alcançar reconhecimento no âmbito do *mainstream* – seja midiático ou financeiro. Espero, sinceramente, estar errado, é importante registrar, mas talvez aqui esteja o potencial subversivo que o projeto como um todo alcança. Registra, com a devida relevância, um fazer coletivo que é *contemporâneo*, no sentido de rasgar o presente e produzir o futuro. Assim, pensar as especificidades das realidades vivenciadas por este grupo torna-se fundamental para se conectar com uma gama mais ampla de aspectos de suas produções musicais. As localidades construindo as sonoridades e as sonoridades construindo as localidades, de maneira recíproca.

Muitos escritos e reflexões[4] sobre a *cena* de música

4 Na Parte Um deste livro fazemos uma breve revisão da bibliografia sobre o rolê eletrônico brasileiro, onde destacam-se os livros de Erika Palomino, Claudia Assef e Camilo Rocha, com ênfase na cidade de São Paulo e no período entre as décadas de 1990 e 2000. A busca de referências em revistas estrangeiras, sobretudo de Londres, é algo que aparece em quase todas as narrativas. Algo que também ocorre na dissertação de mestrado de Ivan Paolo Fontanari, quando analisa a *cena* de Porto Alegre do início dos anos 2000. Da mesma maneira, é possível ouvir Erika refletir sobre a

eletrônica dos anos 1990 e do início dos anos 2000 convergem em um diagnóstico muito preciso daquele momento. O consumo de símbolos era majoritariamente voltado para as referências internacionais, de um Norte Global. Algo que, certamente, também era *localizado*, ou seja, uma postura daquelas pessoas que circulavam *naqueles lugares*, para além do momento histórico no sentido estritamente cronológico. Afinal, sabemos a importância dos lugares e dos grupos de pessoas na construção de nossos "interesses". Da mesma forma, também é comum uma atenta avaliação do que tem rolado por agora na "*cena* eletrônica" nacional e internacional, com um alcance considerável, é possível dizer: há um entusiasmo e um espaço cada vez maiores para os muitos conjuntos de significações locais, as quais, muitas vezes, já são fruto das apropriações criativas do que fora importado[5].

Apostamos que, nestes fluxos de importação, certamente há aquilo que foi imposto pelos processos coloniais, mas também existe o que foi contrabandeado, desmontado, reorganizado e construído na forma da gambiarra, este grande emblema nacional. Atualizações das muitas tradições não hegemônicas que constituem um *suco* do Brasil – e de outros países da periferia mundial – e que fornecem hoje o tempero das expressões musicais que ganham cada vez mais reconhecimento e importância,

---

mudança de foco no consumo de referências, hoje também voltadas aos símbolos locais – o que aparecia na primeira edição de seu livro Babado Forte (1999) apenas como promessa – em *podcasts* como Fio da Meada, da Rádio Novelo (janeiro de 2025) e 451 MHz, da revista Quatro cinco um (janeiro 2025), neste último acompanhada de Camilo.

5 O tema da ressignificação local de símbolos globais também aparece no texto de Eduarda Heineck Fernandes, na Parte Um do livro.

inclusive em arenas globais. Não apenas os ritmos – funk, piseiro, tecnobrega e tantos outros[6] –, mas também os hackeamentos sócio-técnicos necessários para que, concretamente, os sons sejam produzidos, distribuídos, reproduzidos e amplificados: estúdios caseiros, *softwares* e *hardwares* de baixo custo, inventados ou crackeados, gatos de energia elétrica, equipamentos emprestados, festas em diferentes espaços das cidades, radiolas, paredões, bailes, fluxos etc. E o mais importante, talvez seja possível acrescentar: a rua.

A rua, aqui, não como lócus invariável, é verdade. Muito menos como lugar de generalização – que seria igual em toda a parte. A rua como *ethos*: postura em relação ao que se está fazendo, sempre coletivamente. Uma política das ruas. Com o coletivo e para o coletivo. Coletivos concretos, sempre restritos a grupos limitados de pessoas, mas, em grande parte, voltados para muitos tipos de espacialidades *externas*. Neste sentido, a *marginália metropolitana* ganha especial significado. Grupos de artistas que vivenciam distintas formas de marginalização – o que pode vir acompanhado de subalternização (mas nem sempre) –, que se misturam e constroem expressões de afirmação desde seus lugares, que não são fixos, de seus trânsitos[7],

6 Para evitar confusões, principalmente entre quem ainda não escutou a coletânea, é importante destacar: das expressões musicais periféricas brasileiras citadas, nas *tracks* que compõem o VA, apenas o funk aparece de maneira mais evidente enquanto universo de referências e hibridação com os estilos de música eletrônica mais consagrados na literatura *mainstream*: *house, techno, electro, trance, drum'n'bass* etc. Neste aspecto, Marginália Metropolitana ainda é um álbum *stricto sensu* de "música eletrônica", como as classificações mais quadradas poderiam sugerir, ainda que abrace uma certa "sujeira" periférica e brasileira.

7 O trânsito na cidade é tematizado na Parte Um deste livro na narrativa de Mariana Gonçalves da Silva: "Mas afinal, que 'cena' é essa?"

desestabilizando a disputa pelos espaços públicos. Uma disputa que se dá tanto no âmbito da "presença física" nos lugares da cidade como na arena da "opinião pública", de construção das identidades – e dos símbolos de consumo, por que não?

Uma *marginália* que frequenta e produz festas de rua, encarnando em suas criações sonoras aquilo que é experimentado nos trânsitos entre os bairros, as ruas e as várias cidades que fazem uma cidade – uma vivência literal, quando tratamos das regiões metropolitanas, com seus ônibus, barcos, trens, conurbações e muitas "cidades satélite". É o caráter da composição e da multiplicidade metropolitana que podem dar a Porto Alegre, neste sentido, quaisquer chances de ser pensada e vivida como *metrópole*. Nesta coletânea, são um conjunto de experiências de várias cidades que se encontram na ocupação do centro de Porto Alegre – mas que não necessariamente vieram de lá – e manifestam a potência sonora que pode ser escutada no álbum. Assim, constroem um mosaico que expressa muito mais que meros estilos musicais, transduzindo – não confundir com traduzindo – momentos e localidades atuais, originais e, quem sabe, até revolucionários. Nossa *cena*, nossas ruas, nossos sons, nossos textos, nossos dramas e nossas danças: pequenas revoluções moleculares.

Gabriel Bernardo

A *Entrevista*

A Entrevista é uma montagem realizada a partir de trechos das respostas dos produtores e produtoras a um questionário de 41 perguntas, enviado e respondido individualmente em um arquivo de texto. Ou seja, as respostas foram digitadas. Por isso, optamos por manter alguns "erros" ortográficos ou de digitação, tentando preservar o tom descontraído.

Quais locais foram importantes para a produção das faixas?

Pianki: Galpões abandonados.

Nog4yra: Casas que eu morei, afters que eu fui. A cena era quase sempre a mesma: um quarto pequeno, com alguma luz colorida e baixa, duas cadeiras, uma mesa, algumas mãos, um computador quase sem memória e que também servia como uma caixa de som improvisada e muita vontade de criar.

marcelulose: RUA!

Faylon: Espaço HUM, foi lá que eu fiz a festa de lançamento do meu álbum Modupé em 2021.

Quais pessoas foram importantes?

Turva: Marina, Dani, Catarina, Luísa, com toda certeza minha gata, a Filha haha.

PV5000: Pianki e DJ Mtn9090, Felix, Marcelulose e Tabu.

Pianki: Tabu, a primeira pessoa que ouviu minha produção e deu um incentivo essencial pra eu ser quem sou.

Nog4yra: Saskia e Chico, por despertarem meu interesse pela produção. Felix, que compartilhou comigo tanto conhecimento. Também aprendi muito observando e criando junto com outros produtores como Marcelulose, Pianki, Tabu, DJMtn9090, Tinho, João Pedro Karps, PV5000 e Bella. Também sou muito grato ao Sérgio Barsotti que durante algum tempo em 2020 toda quarta feira pela manhã recebia eu e a Bella em casa para termos acesso a CDJ e nos ajudou a aprender e aperfeiçoar na prática.

marcelulose: Luigi, Tabu, Mtn9090, Luísa, Pianki.

Faylon: Vinicius Schneider, ele me emprestou a controladora dele durante a pandemia, e eu treinei muito, nunca tive acesso a ferramenta de DJ dessa maneira, e foi muito importante.

DJ Mtn9090: Pianki, Tabu, Marcelulose, Marcus Félix.

Quais os conceitos que guiaram a produção das faixas?

Turva: Tentei usar timbres e samples que me lembrassem minha infância.

PV5000: Eu sempre gostei de colocar vocais em português nas minhas faixas, pelo meu inglês ser básico e eu não entender muitos dos vocais que compõem as faixas eletrônicas, mesmo tendo essa parada legal da voz ser mais um elemento que não precisa ser entendido e funciona como um instrumento, acho legal também usar vozes de música brasileira. Sampleio principalmente de funk, pelas vozes dos mcs terem timbragens muito legais, mas ja sampleei brega, mpb, pagode e forró.

Nog4yra: Busquei fazer 2 músicas com algum sentido pra mim... q comunicasse algo, trouxesse alguma mensagem além do som. Comecei a pensar de que forma faria e enquanto isso ainda estava só no plano das ideias ouvi a intro de um álbum Discípulo sem cerimônia, do MC ADIKTO. Fala sobre experiências de dependência química que se relacionavam com o momento que eu estava vivendo. Eu curti a sonoridade daquela faixa em específico, que tem apenas 47 segundos de uma batida forte e chamativa onde ele cantava em cima "quem é um adicto?" na hora pensei que era o vocal perfeito pra samplear e fazer uma música que significasse algo pra mim. A segunda faixa também fala algo sobre um momento pessoal. De mudança de casa, estado, trabalho, ficar longe da família e dos amigos.. em suma, era um momento que trazia muito medo, e eu queria falar sobre esse medo, e também sobre coragem. Então eu peguei um sample que diz "sem medo vou" e usei como elemento pra trazer esse significado, tentando introjetar essa frase em mim.

DJ Mtn9090: Dois conceitos principais orientaram a produção dessas faixas: 1) a *memeficação da música* e 2) a criação com recursos limitados. Primeiro, a ideia da ***memeficação da música***: para compor, utilizei samples de vídeos que se tornaram memes na internet – conteúdos que, ao perderem sua "seriedade", passam a ser vistos com humor. Dentro desse universo, encontramos gatilhos culturais poderosos e verdadeiras pérolas da cultura brasileira. Esses elementos, descontextualizados e ressignificados, ganharam uma nova vida dentro da música. O segundo conceito foi a ***criação com recursos limitados***: Esse cenário naturalmente confere uma sonoridade menos "polida" ou "comercial", mas é justamente aí que reside seu valor. Essas músicas não precisam de um grande estúdio ou de uma gravadora renomada para serem potentes ou carregarem identidade. Elas simbolizam um tempo e um lugar – a cena eletrônica de Porto Alegre –, sendo o reflexo das condições em que foram feitas. A magia dessas faixas não está na qualidade técnica do equipamento, mas na força da ideia e da estética que elas propõem.

Onde as músicas foram produzidas?

PV5000: Eu fiz as músicas no processo de mudança para São Paulo, consegui trazer meu computador três dias antes do prazo final de entrega das músicas, então desenrolei essas duas faixas em três dias.

Nog4yra: No apartamento onde morava em Porto Alegre, no meio do caos de uma mudança. O quarto cheio de sacolas, sem móveis além da mesa, cadeira, computador e monitor de som.

Quais equipamentos foram utilizados?

Turva: Teclado, monitores de áudio, fones e computador de mesa.

PV5000: Meu computador e um fone emprestado que só funcionava um lado.

Pianki: Electribe, TR-8S, Ableton.

marcelulose: Na 1 foi uma TR08 quando tinha ela a poucos dias. Daí gravei ela em um canal do ableton e ao mesmo tempo joguei o midi dela para mais 3 canais de instrumentos nativo do ableton. Isso faz q a tr08 toque as notas dos instrumentos.

Faylon: Eu usei um notebook, com um mouse e dois monitores edifier.

DJ Mtn9090: Computador Dell Inspiron 3583.

Os softwares são comprados, [illegible] ou de código aberto?

Todos: [illegible]

Quanto tempo as músicas levaram para ficar prontas?

Turva: O processo todo entre pesquisar estilos, fazer pasta de referências, tempo de pista durou 1 mês e meio. Para fazer de fato elas foram 2 semanas intensas de processo e dedicação haha.

marcelulose: A 1 foi alguns minutos de programação e gravação e depois mais algumas de pós produção no ableton.

DJ Mtn9090: A faixa "Ê Dureza" passou por um processo de remasterização e demorou cerca de dois meses para ser re-finalizada. Enquanto a faixa "Diga A Palavra Final" foi produzida em uma semana, mas para ser finalizada teve um tempo maior de trabalho, digamos umas duas a três semanas.

Como é o processo de produção?

Pianki: As vezes tenho uma ideia pré estabelecida, mas normalmente a música de molda enquanto eu faço ela, e sempre muda, um processo bem orgânico ao meu ver é de bastante minúcia, repetição, elemento por elemento.

Nog4yra: Meu processo de produção é bem demorado. Fiquei dias tentando começar e não saia nada que eu realmente gostasse – dificilmente acontece de forma diferente disso. Basicamente o processo de produção é difícil, desafiador, demorado, mas ao mesmo tempo é o momento onde passo horas imerso nesse processo.

marcelulose: Na maioria das vezes começo numa Jam ou apenas com vontade de tocar algum timbre e com a bateria.

Quais as maiores dificuldades?

Turva: Conseguir focar e dedicar o tempo que eu gostaria ao projeto.

PV5000: Eu gostaria de ter plugins, como meu ableton é [illegible] tenho muita dificuldade de instalar plugins então trabalho bem mais com nativo, mas com plugins sei que minhas produções teriam uma evolução. Às vezes também é difícil de estar inspirado, tem dias que a gente senta e não sai nada e tem dias que em três horas você já tem uma faixa bala.

Pianki: Técnica no início.

Nog4yra: Entender e encontrar o formato da música que quero fazer é uma das minhas dificuldades. Muitas vezes abro o Ableton sem saber se quero fazer um house, um electro, drum n bass ou o que quer que seja, deixo fluir pra ver o que acontece. Mas às vezes não ter essa intenção definida faz com que o processo seja mais demorado, embora quando há intenção de fazer, por exemplo, um electro, muitas vezes o que acaba saindo é uma coisa totalmente diferente.

Faylon: Autoestima com a sua produção, a falta de ferramentas para aprimorar os sons e as composições, a falta de referências e pessoas dispostas a trocar, e sem sombra de dúvidas o tempo, a gente é muito disputado, e a produção musical requer uma dedicação, um tempo que muitas vezes falta na vida da gente.

DJ Mtn9090: A parte de finalização, masterização, o momento de "embalar" o produto e vendê-lo; no caso, o envio para as labels, por exemplo.

Você se considera profissional?

Turva: Depende, me considero uma DJ profissional, pelo tempo de pista, pela minha pesquisa, pelos desafios da caminhada com pendrives e muitos sets construídos na hora com pendrives alheios me deram uma bagagem kkk.

PV5000: Hoje em dia que comecei a profissionalizar meu trabalho, depois de 10 anos trabalhando com áudio. Durante muito tempo tive medo de colocar mais tempo e dinheiro em uma profissão que não me trouxesse o rendimento necessário, no caso no minimo pagasse minhas contas.

Pianki: Sim, tenho conhecimento e prática suficiente.

Nog4yra: Não sei, acho que ainda tenho muito o que aprender.

marcelulose: Amador pq amo. Profissional tem muito ver com capital mercado e vira uma profissão. Gosto de pensar no meio termo disso com a minha música, caso venha ter alguma renda estável com ela.

Faylon: Não me considero profissional, e bem sinceramente não quero isso pra minha produção, surpreendentemente estou satisfeito em ser apenas um produtor musical, nem amador nem profissional, apenas produtor...

Se considera artista?

PV5000: Demorei, mas hoje em dia sim, um artista muito marqueteiro porque preciso equilibrar criação e autogestão para garantir que o trabalho chegue ao público da melhor forma.

marcelulose: Naooo. Sou arteiro convicto... Desde criancinha gosto.

Faylon: Eu me considero um multiartista, a produção musical é uma das minhas artes a mais recente delas eu diria.

DJ Mtn9090: Artista de baixa renda, baixos números e altas ideias.

Teve algum tipo de educação musical?

Turva: Fiz esse ano (2024) algumas aulas de produção musical com um amigo meu (aliás João, muito obrigada!), comecei um curso online de produção musical que ganhei de aniversário de uma amiga em 2020, mas não cheguei a terminar de olhar e estudar.

PV5000: Quando pequeno minha mãe ia trabalhar e eu ficava em um prédio de uma vizinha aposentada de bairro, que ficava duas quadras da minha casa, lá ela tinha um teclado e me ensinava algumas coisas como notas e músicas com construções simples. Aprendi a tocar violão na igreja, e desenvolvi meus estudos comprando revistinhas de cifras nas revistarias do bairro.

Pianki: De que educação estamos falando? Sempre aprendi pela internet e observando amigos, não sei ler música, porém estudei muito síntese subtrativa por conta, pra sintetizar meus sons.

Nog4yra: Além dos cursos da AIMEC fiz dois cursos de percussão há anos atrás. E algumas aulas de teoria musical

com o Tinho Karpss. De resto, aprendi observando e trocando com amigos e de vídeos na internet.

Faylon: De que educação estamos falando? A educação musical de perspectiva eurocêntrica no sentido da teoria musical clássica e erudita? Não, não tive essa educação. Mas eu tive muita educação musical na perspectiva afrodiaspórica, através dos ritmos sincopados do tambor, ajê, agogô e sineta, junto da relação coletiva do canto/resposta, nesse sentido a música atravessa os corpos e os movimenta. Isso eu aprendi sobre a música lá.

DJ Mtn9090: Desde a infância tive uma relação entusiasta e descontraída com instrumentos de cordas, principalmente a guitarra e violão. Fiz aulas de guitarra na juventude, o que me proporcionou uma base interessante de teoria musical e feeling. No entanto, por um longo período, deixei de compor e tocar instrumentos em minha vida.

Há uma organização do trabalho (de horário, local etc.)?

Turva: Como trabalho 8 horas, me sentia mais confortável de me dedicar depois do expediente, pelas 18h é momento que eu paro e consigo estar mais atenta.

PV5000: Como eu sou autônomo eu vou encaixando a produção musical nos meus dias nos horários onde não estou trabalhando em outras coisas.

Nog4yra: Quando tenho track com data para entrega defino um número de horas pra produzir durante um número X de dias. Quando não tenho prazo pra entrega, produzo só

quando me sinto inspirado e criativo. As vezes passo meses sem conseguir produzir nada até sentir um impulso de criatividade.

Faylon: No meu caso não.

DJ Mtn9090: Utilizo o famoso método "quando dá"...

Como as condições financeiras afetam a produção musical?

Turva: Afetam na distribuição, na acessibilidade, no tempo e no acesso a equipamentos.

PV5000: Mas é verdade também que a escassez de recursos acaba definindo o estilo de criação, trazendo um caráter de improviso e inovação únicos. Muitos artistas, especialmente no Brasil, fazem uso de samples e trabalham com o que têm à disposição – seja software pirata, equipamentos de segunda mão ou até soluções criativas para gravar e mixar. Esse processo de "fazer com o que tem" cria uma identidade própria, marcada por adaptações e uma certa sujeira. E o Brasil é o país da pirataria não é mesmo?

Faylon: Dificilmente a gente consegue tirar uma grana das nossas produções e isso por um lado desmotiva a produzir por conta do tempo. As objetividades batem na porta e muitas vezes a gente precisa optar por fazer outras coisas.

Pianki: O principal problema é o espaço, tenho pouco espaço e não tenho dinheiro pra espaço maior.

O que pensa sobre o campo artístico vinculado à produção de música eletrônica?

Pianki: Pior que isso só política, talvez moda também, só vampiros e crocodilos.

Nog4yra: Acredito que o campo artístico se vincula à produção musical não só enquanto criação de sonoridades, mas também pode ser agente transformador e de caráter político. Existe uma relação de conexão recíproca entre a música e os espaços de festas da cena. A sonoridade carrega a intenção de gerar uma experiência sensorial e por mais que a música tenha um lugar de protagonismo, existem outros elementos do campo artístico que são potencializadores fundamentais pra essa experiência imersiva que a gente espera causar.

Faylon: Eu penso que tá menos arte e mais produto, a produção tem sido menos sobre apreciar arte e mais sobre consumir arte, o mundo capitalista funciona dessa maneira, é natural que isso influencia como a produção de música eletrônica se insere no campo artístico. E acho que é sobre isso, a gente quer ser valorizado no nosso trampo, mas a que custo?

Quais referências são utilizadas na produção musical?

Nog4yra: Sempre me inspirei muito mais na estética dos produtores do Brasil do que de referências internacionais, por mais que também escute muito.. Os produtores da nossa cena daqui de porto alegre tem identidades muito mar-

cantes e diferentes entre si, mas eu percebo que existe uma conexão entre elas, tipo uma assinatura coletiva que dá uma identidade muito singular do que a galera que produz faz aqui. Acho um som mais anarquista, muito criativo e predominantemente com ritmos acelerados, drums chamativas e exageradas e vocais sampleados e warpados sem preciosismo é um estilo bem característico de muitas das produções daqui, acho a galera visionária demais.

marcelulose: meus amigos, minhas esquisitices e principalmente a disrupitura com o a forma convencional; minha referência máxima pra produzir qualquer coisa é como aprendi ouvindo syd barrett e yoko ono.

Existem referências além da música que contribuem na concepção artística?

Turva: As artes visuais, história, cultura popular, experiências pessoais, as performances, acho que são algumas referências que expandem a concepção artística.

PV5000: Minhas criações capturam uma estética que mistura o subjetivo, com influências tanto de experiências da infância quanto do que vivo no dia a dia. Esse processo de hormonioterapia, por exemplo, faz com que eu traga uma intensidade quase visceral para as tracks – algo que se reflete em batidas aceleradas, como a sensação de adrenalina que a testosterona muitas vezes desperta. Meu som é propositalmente "sujo", com timbres ácidos e graves bem marcantes, quase como uma expressão de afirmação. A influência de tudo isso vai além da produção musical em si; é

uma expressão de identidade.

Nog4yra: Sim, muitas coisas... texturas, cores, pessoas, momentos, lugares, às vezes eu crio uma música pra ouvir em um momento específico.

marcelulose: ba varias, as vezes é um acontecimento na esquina na parada um desenho uma imagem. Formas geométricas q estão no nosso entorno me estimula afu, seja urbano ou nas matas.

Há algum tipo de tensão política nas produções? Se sim, qual e como?

Turva: A música fala sobre identificação tanto de gostos, corpos, de protesto, censura e mobilização.

PV5000: No momento que misturamos várias referências, usamos os gêneros como inspirações laterais e criamos nossa própria estética experimental. Existe algo de tensionador, também sempre usar elementos brasileiros. Muito artista e público do brasil tem a síndrome do vira lata, acho que fazer música eh tensionador num geral.

Pianki: Uma tensão político racial implícita sempre, quando não explícita.

Nog4yra: A música que fiz para ess edital "quem é um adikto?" é também uma forma de trazer a discussão da dependência química p o debate nesse meio.. falar sobre o elefante branco que ta sempre ali presente no nosso role, sabe? acho que a produção também tem esse poder de através da música

dialogar sobre essas questões de saúde mental, políticas públicas, lutas individuais e coletivas...

marcelulose: sim, ate o momento tem sido a unica via q me expresso naturalmente e genuino, tensão radicalista e revolicionara, aprendi a tocar muito numa dinamica anarquista, mas organizando meu ódio gosto de pensar na lógica polica da ciencia do proletariado.

Faylon: Na minha arte trabalho com tensionamentos de outra ordem, de um outro tempo, de uma outra linguagem, que somente a arte pode produzir. Tenho flertado muito com a poesia, quem sabe use palavras num momento oportuno...

O uso de substâncias (drogas) interfere de alguma forma na produção?

Pianki: Drogas fazem parte da receita.

Turva: Eu por exp tenho tdah e o uso de remédio, me ajuda bastante a manter o foco no momento em que estou produzindo. Já o uso de outras substâncias não sei se ajudam muito ou não.

PV5000: Produzir chapado ou sob qualquer influência pode comprometer a qualidade do meu trabalho.

Nog4yra: Às vezes interfere negativamente, mas também pode gerar uma imersão mais profunda com a música, dependendo da substância. Todas as tracks do meu primeiro álbum "3 INSTÂNCIAS" foram feitas sob efeito de LSD e sentia que era mais fácil imaginar que sensação o som ia

trazer na pista quando eu tava nas trip do doce, me fundia com o ableton e nem via as horas passarem... no meu caso algumas substâncias psicoativas ajuda na criatividade, mas outras só aumentam o bloqueio criativo.

marcelulose: simm afu, pra bom e pra ruim. A merda q muita coisa boa sae com o uso; mas tb tem aqueles bom % de sair algo bem confuso e sem expressao ou oq nao tem sentido finalizar.

Faylon: Não diria que interfere, elas compõem a minha produção musical. Na minha dissertação de mestrado, em que debato sobre guerra as drogas, pensando de que maneira a produção de subjetividade de homens negros (re)existe a essa politica, optei por criar narrativas ficcionais sobre minhas vivencias enquanto homem negro e usuario de drogas. Escolhi substituir a nomenclatura fria e proibicionista de drogas por "substâncias do sentir", um nome mais adequado a essas substâncias que provocam uma multiplicidade de sentimentos e sensações boas e ruins nas pessoas. Assim como as substâncias do sentir interagem de forma singular e genérica em cada pessoa, as músicas também. Em última instância as minhas produções musicais são tidas para mim como substâncias do sentir.

Como a experiência na pista de dança comparece nos trabalhos?

Turva: A pista ajuda você a ver o embalo que o seu som traz e pra onde ele pode te levar. A interação social e a capacidade de ler o ambiente é uma habilidade valiosa no campo de criação.

Pianki: Antigamente eu até dançava, hoje em dia eu só danço na minha festa e olhe lá.

marcelulose: toda! a musica começa no corpo. na musica eletronica de pista é tudo sobre a pista, a pista é a protagonista. ela q dá origem e existencia pro dj produtor e festa.

Faylon: eu sou um amante das pistas de dança, me jogo na dança com o dj/produtor, gosto de trocar energeticamente através da música, eu sou um amante da música, as pistas constituem a minha base referencial de produção. Escutar determinadas tracks num soudsystem top, é algo esperitual eu arrisco a dizer, nesse sentido. Eu sou dj/produtor pq sou pista!

Como a participação na cena influencia no processo de produção?

Pianki: Bem pouco, a cena porto alegrense é insipiente e infantil.

Nog4yra: Eu sou muito cadelinha dos djs de porto alegre, acredito que nossa cena tenha MUITA gente talentosa de verdade, a galera aqui tem muito potencial e ver como a cena se movimenta também influencia no processo.. e isso não se restringe só a quem toca, mas muitas vezes uma ideia que tu troca na pista também proporciona uma sacada q pode ser valiosa p produção... a cena sempre vai ter seus porém, mas também acredito que ainda exista muita gente que se apoia de forma genuína, e procuro alimentar isso sempre que possível...

Faylon: Pouco influencia eu diria...

Você se considera apoiado por outros produtores?

Nog4yra: Sim, acho que me saboto bastante por ser um pouco mais inseguro, mas reconheço que tem pessoas que acreditam no meu trabalho, me apoiam e me dão oportunidade pra mostrar o que eu faço.

marcelulose: em parte; acho q pra ajudar com mixagem composições recebo um apoio; mas me sinto e estou ignorado pra apresentar minhas produções ao vivo e no que importa: O ROLÊ.

Faylon: É muito dificil mensurar o apoio da produção musical, mas eu diria que não, mas também nunca cheguei pedindo ajuda, mas isso diz muito sobre essa logica neoliberal de competição, que a gente acha que ta todo mundo contra a gente. E se por ventura a gente doar o pouco que sabe, e que foi tao dificil conquistar pq ninguem me deu de barbada, essa pessoa pode se tornar um competidor? Isso pode estar no nosso inconsciente e agindo muito na nossa vida. Mas a produção musical não é algo simples, é complexo, requer dedicação, estudo, paciência, e tentativa e erro, então como se ensina isso? Tenho minhas refs de produção por aqui, mas de canto, so vendo o que fazem e o que posso chegar, mas só vou chegar naquilo que eu produzir, se nao abrir o ableton não vai sair nada e não é culpa de ninguém.

Considera que a cena valoriza a produção musical?

PV5000: Acredito que a valorização da produção musical na cena é um pouco complicada, especialmente quando

o fluxo de dinheiro é limitado e depende muito de editais ou patrocínios de grandes marcas. A realidade é que quase ninguém consegue fazer dinheiro com isso, e ainda assim todos querem receber pelo seu trabalho de forma justa. Tem que cobrar de gringo, que no final a galera manda de graça em troca de visibilidade e parar de vampirizar tanto a cena local, brasileiro só ripa track mesmo.

Pianki: Não, nem um pouco, a cena não se importa com produtores, normalmente nem com DJs, e sim com mídia social, simpatia nas redes, influencers.

Nog4yra: Acredito que muitos DJs valorizam a produção musical, não sei dizer se a "cena" toda valoriza.

marcelulose: em porto afuu, aqui crescemos muito nisso e ate conseguimos vanguardismo e identidade mais propria e original, comparado ao eixo do br.

Faylon: prefiro nao responder.

Quais são as expectativas em relação a produção musical?

Nog4yra: Seguir produzindo sempre que possível, estudando e aprendendo. Nunca tive grandes ambições em relação a visibilidade, ter notoriedade pessoal... mas gostaria sim, muito, que minha música continue chegando cada vez mais longe e fazendo parte de momentos especiais pra quem escuta.

marcelulose: ???se eu fosse ainda ter expectativas já teria desistido.

O que acha que facilitaria o processo de produção?

Turva: Meio de estudo e acessibilidade a equipamentos.

Pianki: Mais espaço.

Nog4yra: Estar inspirado, ter referências sonoras, visuais, produzir com outras pessoas e ter outras opiniões e ideias, conhecimento de técnicas do software, acesso a outros plugins além dos nativos e um setup que tenha uma boa referência de som é o ideal.

marcelulose: mais conteudo e momentos mais "serios" pra compartilhar e aprender.

Quais as limitações que vê no cenário?

Turva: Falta de investimento por parte de contratantes e falta de verba para a cultura.

Pianki: Estresse.

Nog4yra: Vejo que muitas vezes o público não valoriza e não tem noção de todo trabalho envolvido na produção de um rolê, seja na rua ou fechado.. nesses poucos 4 anos produzindo festa, muito raramente foram as vezes que conseguimos lucrar algo, geralmente rola só o dinheiro pra pagar as pessoas que trabalharam no evento. Nas poucas vezes que conseguimos investir pra melhorar a qualidade do evento, saímos no prejuízo. acredito que, pra novos talentos também não seja fácil a inserção e o acesso a oportunidades de mostrar o trabalho. a cena é um tanto quanto fechada, a

famosa “panelinha”. além disso, existe uma certa arrogância e falta de acolhimento pra dar lugar ao novo, por ser uma cidade relativamente pequena, o mercado é concorrido e conseguir um espaço não é tão fácil.

marcelulose: renda, prefeitura e conformismo conciliação.

Faylon: Baixa valorização eu diria, mas não é um cenário que me insiro tanto!

O que aprendeu com esse processo (relacionado ao edital)?

Turva: Aprendi o que eu mais queria de fato, finalizar uma música! Entender os processos e conseguir me achar tanto em outros estilos e ver um pouco de como o processo dos outros funciona também.

Nog4yra: o edital é importante porque é um meio de registrar esse movimento da cena do sul. fazer esses registros é muito especial não só agora pra nós, mas p os que vem depois.. reunindo e fomentando varios produtores, DJs e participantes da cena local e possibilitando a construção de um trabalho coletivo muito massa. o apoio financeiro do edital permite que os artistas realmente dediquem tempo a produção e tenham acesso ou melhorem os setup e valoriza muito o nosso trabalho, porque esse retorno $ não é a realidade da maior parte dos produtores.

Faylon: Eu avancei muito da última vez que eu produzi, em termos de como produzir, modos de preparar pra produzir, etapas, criar um cronograma. Uma forma mais engessada, mas foi importante para produzir dentro de um tempo limitado e tals...

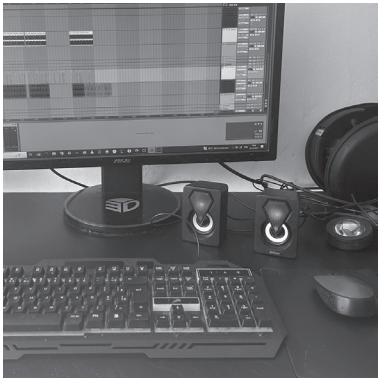
Acha que a cena poderia amadurecer em algum aspecto?

Turva: Hahaha acho que sempre podemos amadurecer um pouco mais, acho que vivemos em uma cidade "pequena" apesar de ser capital, o cenário cultural não contribui muito para todos estarem fazendo festa ou investindo na própria carreira, viver apenas de música hoje em dia não é tão simples.

Pianki: Com certeza, acho que tem amadurecido, porém a passo de formiga.

marcelulose: acreditar mais na força politica q a cena pode gerar e trabalhar de forma materialmente eficaz na militância.

Faylon: Acho que o amadurecimento sempre é possível, acho que a propria execução desse edital é uma possibilidade de amadurecimento da cena, quem sou eu pra dizer algo sobre isso mas é o que eu penso!



Setup dos artistas

14:09
terça-feira, 9 de novembro

As Histórias

Pianki

Dope Machine
Agitador II

Leo Pianki vulgo **Pianki** é produtor musical, produtor cultural e DJ. Situado em Porto Alegre, cidade em que nasceu – sua família veio de Pelotas e Alegrete, interior do estado – atualmente mora no bairro Partenon (Zona Leste). Coproduz os coletivos ***Turmalina*** e **ZONA*exp.*** Desde o início da sua carreira artística, foca em trazer novas perspectivas da música eletrônica de pista à tona.

Ingressou na *cena* frequentando festas de rua de música eletrônica, como ***Arruaça*** e **Vorlat**, por volta de 2014. Na época, estudava arquitetura e tinha interesse na influência destes eventos no urbanismo da cidade. O ritmo sempre fez parte da sua vida: chegou a tocar violão quando era mais novo, e arriscava na percussão nos sambas que rolavam na casa dos avós. Em 2016, vendeu sua guitarra e comprou uma controladora Akai, depois de assistir algumas apresentações em *live act* e decidir baixar o Ableton Live. A partir daí, começou a produzir música eletrônica de maneira despretensiosa e em 2018 já estava tocando.

Suas produções e DJ *sets* exploram um ambiente hipnótico, porém balanceado, alinhando sua estética com

vertentes do *house* e *techno*. Se apresentou em diversos eventos locais e do Brasil, como **ODD** (SP), **1010 + *Boiler Room*** (BH), ***Rádio Veneno*** (SP), ***Caldo Love*** (SP – em edição especial no RJ), ***Comuna*** (RJ). Como produtor musical, teve seus primeiros *releases* pela *label* **ZONA*exp.***, participou da coletânea Escape from São Paulo, do selo ***In Their Feelings*** e ***Anexo Projeto***, além de lançamentos pela ***Nice & Deadly*** (BSB) e **XXIII** (Portugal).

Atualmente desenvolve seu projeto ***dance.report*** e, junto ao coletivo ***Turmalina***, realizou em 2021 a Feijoada Turmalina, imersão criativa com o objetivo de compartilhamento dos conhecimentos de produção multimídia, mixagem DJ e estratégias de comunicação dos integrantes do coletivo, contemplando artistas periféricos de Porto Alegre e da região metropolitana – projeto financiado pelo Natura Musical de imersão artística e fomento de cenas.

Ilustração por Pianki

DOPE MACHINE AGITADOR II

Marginália

"Dope Machine" pode ser um título que explora o poder viciante e a energia eletrizante das batidas e sintetizadores característicos do estilo electro. Neste conceito, "Dope" remete tanto ao sentido de algo irresistível e "alucinante", quanto ao gíria de "sensacional". Já "Machine" representa as máquinas e equipamentos eletrônicos que criam o som — sintetizadores, drum machines e samplers — e como eles se unem para gerar algo maior que a soma de suas partes.

"Agitador" é um título que carrega uma ideia poderosa de energia bruta e revolução — tanto na pista de dança quanto no impacto social. A música serve como um chamado para levantar e quebrar limites, invocando o conceito de "agitação" em todas as suas formas. Agitador une batidas de rave intensas e samples de voz com atitude, típicos do funk, criando uma atmosfera de tensão e libertação. Os sintetizadores em ritmo da diáspora trazem uma cadência hipnotizante que evoca rituais e batidas ancestrais, como uma forma de resgatar essa herança em meio ao frenesi urbano e moderno da música eletrônica.

Créditos:

Composição, arranjo e mix por Pianki

Equipamento:

Electribe ESX-1, TR-8S, Electribe EA-1, Ableton

© 2024 Edital Marginália/Pianki

Todos os direito reservados

marcelulose

QVS?

O PESADELO DO TÉCNICO DE SOM

Marcelo Silva vulgo ***marcelulose*** é natural de São Leopoldo, mas foi adotado por Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. Em 2013, entre sintetizadores, *hardwares* e timbres analógicos, iniciou seu trabalho na música. É fascinado por ferramentas de captação de áudio e inspirado em bandas psicodélicas e experimentais setentistas. Arrancou sua caminhada musical através desses estilos, e somente após alguns anos decidiu mergulhar no cenário da música eletrônica. Antes disso, passou pelo violão, guitarra e teclado, e terminou tocando *synth* em uma banda de rock experimental – já na noia dos timbres eletrônicos. Autodidata, estudava lendo os manuais...

Em 2017, foi impactado por um set da **Kika** no Soundcloud, e decidiu ver com os próprios olhos o que rolava. Seu primeiro rolê de rua de música eletrônica foi uma ***Cerne***, embaixo do Aeromóvel, onde ouviu a música da ***Saskia*** e do ***Tabu***, que se apresentavam ao vivo. Depois disso, começou a colar direto nos rolês, se enturmando com a galera da produção musical. Era conhecido como "o guri dos *plugins*", porque fazia a mão de passar dicas de VSTs. Ao mesmo tempo, formou com **Luísa Muccillo** o duo chamado

banKu, um *live act* sincero como seus sentimentos em relação à *cena*. Apoiados por ***Tabu***, lançaram *tracks* em selos independentes e tocaram em algumas festas. Em breve, entraria na **ZONA*exp.***, núcleo verdadeiramente *underground* de Porto Alegre.

Considera-se ex-DJ, sendo notável produtor musical, engenheiro de mixagem e masterização, além de articulador cultural. Começou a ganhar espaço na *cena* logo que entrou, lá em 2017, apresentando seu conhecimento amplo e *freestyle* sobre sonoridades eletrônicas urbanas, o que passou a ser a essência de sua criação como produtor. Já lançou *tracks* pelas gravadoras ***dsrptv rec***, **T REC.**, **PIRATÃO REC.**, **TRINKA**, **ZONA*exp.***, ***Raio X***, **GOMA *rec.***, ***Fazedores de SOM***, ***Neurokat Records*** e **CLAN DESTINE RECORDS**. Marcelo é fechamento no circuito *underground* de Porto Alegre, e além da **ZONA*exp.***, participou do selo **GOMA *rec.***, outro expoente da cidade.

Hoje compõe o núcleo do selo Raio-X, além de também ser curador e mediador do programa "***É Track ou Beat?***", produzido em conjunto com ***Mtn9090*** na ***Senso Rádio***, plataforma *online* sediada em Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre. Além de ter produzido duas *tracks* para este VA, ***marcelulose*** foi o curador musical e masterizador da coletânea que compõe o projeto, ponto de partida do livro.

Ilustração por marcelulose

666666ANIQUILO9pra6CIVILIZAR99999
ENSINO PRA APRISIONAR

ainda existe o espectro como amarras e correntes
que o colonizador colocou nos povos fora da Europa
o desejo d controlar e possuir doentio nao deixou de
fora nem seu próprio povo, principalmente camponeses
interioranos q tinham seus instrumentos artesanais
q emanavam suas próprias frequências
q contrastavam benevolentes da realeza e nobreza
oprimindo e aprisionando no q a igreja decidisse
como "agradável" belo" feliz" e """correto"" "desenvolvido"

pq começava por ai, ouve um tempo q n se podia ser triste
e expressar mais esse sentimento na musica

ai de ti se tive um instrumento que tu mesmo temperou e
n seguisse no quadradinho d Pitágoras e na nomenclatura
q a igreja católica deu
DÓREMI FÓDASE

usando a música como um mantra de aprisionamento mental e
definindo q música é apenas oq é composto de RITMO HARMONIA E MELODIA
JESUS NUNCA ESTARIA DO LADO DLES

pois a música é uma das ferramentas mais potente pra nos ajudar
alterar a consciência e ter pontos de vistas mais plurais
e tb como instrumento meditativo, nos conectar com o nosso interior
com deusas e deuses nossa fé nossos divinos

a musica ancestral
já mais poderia existir pois sao livres e ajudam a libertar

o ruido a desobediência sonora hoje é minha aliada
pra romper com essa correntes
q aprisionam minhas, nossas frequências
a cidade nos deus o caos com tdos seus ruídos motorreadeanos,
elétricos e eletronicos, gritaria do gambe,
e todo qualquer som do sxxi no estagio capitalismo já tardio,
no qual todas as cidades cresceram
tensionando pro o som estoradaaaaaaaaaaaaaaaaazzo e com seu micro tonalismo
ajuda com a ordenação do caos e com a força do anarquismo
e fazendo a ruptura de dentro pra fora

o ruido vem antes do som pq o universo
se apresenta de forma acusticamente desorganizada

caos sonoro é meu grande caminho,
ele me encorajouaaaaaa a tocar e m sentir capaz
e pertencente ao universo de expressões
através de ruídos. MAS PRECIPALMENTE FREQUENCIA

vibrar libertar celebrar a vida a morte
a matéria a antimatéria
o começo e o fim pois o meio está aprisionado entre ambos

quando você se fecha numa bolha auditiva que o protege do noise das ruas,
individualiza (e empobrece) uma experiência que
antes
era bem mais coletiva

Nog4yra

sem medo

Quem é um adicto

Una Akan vulgo ***Nog4yra*** é DJ, produtor musical e integrante do coletivo **TTTTT**. Baterista desde a infância, aprendeu a tocar vários instrumentos de percussão, como atabaque, agogô, tamborim, surdo, afoxé, bongô e conga. Atualmente mora em Salvador (BA), mas nasceu no Rio Grande do Sul. Até os 18 anos morou na região metropolitana de Porto Alegre. Em 2016, diretamente de Guaíba City, mudou-se para a capital. A partir de então, foi presença confirmada nos *fronts* e nas *pickups* da cidade.

Por volta de 2014, quando ainda morava em Guaíba, começou a frequentar com os amigos alguns rolês de rua em Porto Alegre, como o Largo Vivo. A partir daí, conheceu a *cena* de música eletrônica, principalmente nas festas de rua, como ***Cerne*** e ***Arruaça***. Depois, conheceu ***Base***, ***Vorlat***, ***Plano*** e outros coletivos que foram surgindo. Tornou-se agitador do *front* por anos antes de começar a tocar. Nessa época, vendia salgados veganos e cachaça nos rolês. Em uma destas festas de rua, ouviu uma voz cantar no microfone, dramática e experimental: era ***Saskia***. Passou a procurar por aquelas músicas, que transgrediam os

limites tradicionais, cheias de metáforas, pensamentos inusitados... Ficou obcecado: que tipo de construção sonora é essa? A partir de então, pesquisou sobre produção musical, baixou o Ableton Live e, finalmente, em 2019, matriculou-se em um curso, ainda sem intenção de ser DJ. Queria botar algo para fora através da música, ver até onde poderia chegar. Queria criar viagens sonoras e mundos internos. O interesse na produção musical despertou a vontade de aprender a tocar, na mesma intenção, de criar suas próprias *trips*.

DJ e produtor musical desde 2019, em 2020 passou a integrar o coletivo **TTTTT.** Com 3 álbuns lançados e mais de 16 lançamentos em gravadoras pelo Brasil, Holanda, Sérvia e França, seu foco de pesquisa assemelha-se à sua produção musical: baterias intensas, *kicks* marcantes, *synths* envolventes e samples brasileiros. Mescla gêneros como *electro*, *techno*, *jungle*, *bass*, *breaks*, *house* e eletrofunk.

A vida em si não tem sentido.

"Cada um de nós, naturalmente ou não, tendemos a procurar ou criar essa causa de ser. Simbolizar o mundo, dar forma ao intangível, escolher com que cores vamos pintar o significado, motivo ou razão de ser parte-fragmento de um infinito, carregando as dores e as dádivas de ser uma consciência pensante, que percebe, toca e transforma a realidade.

Criamos linguagens para dar forma à percepção do mundo e da vida. Acredito que a arte e a música sejam duas dessas linguagens, que surgem desse impulso natural de expressar o que nos cerca e também o que habita em nosso próprio mundo interno, imaterial. A música é a expressão sonora desse território abstrato que não se limita ao visível. É a linguagem do corpo, da fala, do inconsciente. O ímpeto de transpor o que o campo das palavras não alcança, mas ainda assim pode provocar alegria, tristeza, saudade, RAZÃO.

Simbolizar o mundo através da linguagem da música é também uma forma de criar pontes entre o individual e o coletivo. É um dispositivo que se arrisca a tornar mais concreto o mundo de dentro de nós, etéreo e particular, mas que, de algum modo, expressa algo que nos conecta.

É um desejo humano – consciente ou não – perpetuar a própria existência, seja pela geração de filhos, seja através de legados materiais. Pessoalmente, sempre penso que, quando eu não estiver mais aqui em carne e osso, deixo uma extensão de mim nas músicas que fiz. Elas têm o poder de manter minha presença viva, mesmo depois que eu me for, e de contar um pouco de quem eu fui".

Una Akan Silva Nogueira – Nog4yra

Mtn9090

Ê dureza
Diga a Palavra Final

Marcos Martinelli vulgo **Mtn9090** é natural de Itaqui, cidade no interior do Rio Grande do Sul, no extremo oeste do estado, fronteira com a Argentina. Passou a infância e a juventude em Viamão, na região metropolitana de Porto Alegre, mais tarde mudando- se para a capital. Moldado por estas vivências, com seus trânsitos e deslocamentos, destaca-se no cenário local com uma abordagem sonora disruptiva, onde batidas quebradas, ritmos acelerados e músicas intensas criam uma narrativa que distorce e provoca a pista de dança. Ao longo de sua trajetória, brincou com muitos instrumentos: das cordas à percussão, chegando nos sintetizadores, sequenciadores, *samplers* e *drum machines*.

Sua jornada na *cena* começa em 2016, quando descobriu a experiência de pista, apaixonando-se pela cultura DJ. A partir de então, frequentou festas, explorou novas sonoridades e conectou-se com DJs e a comunidade ao redor. Esse envolvimento o levou a produzir eventos e a trabalhar diretamente com amigos DJs, com seus *bookings* e agendas. Paralelamente, atuou como artista visual

e *designer* gráfico, criando artes para as festas. Com o tempo, o interesse pela discotecagem cresceu, e dedicou-se à pesquisa musical e a apresentar sua curadoria. Esse mergulho natural na música acabou levando-o, por fim, à produção musical.

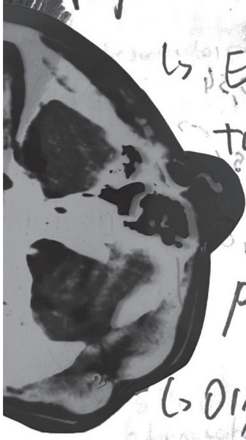
Começou a tocar como DJ em 2016: sua primeira apresentação foi no "***Garagismo***", festa que ocorria literalmente na garagem de uma casa, episódio que contou até com a polícia para acabar com o rolê. Em 2018, começou a criar seus primeiros experimentos de som – utilizando uma Electribe ESX-1 e conhecimentos básicos de Ableton Live – para, em 2020, lançar seus primeiros projetos como produtor musical. Apesar de já ter produzido milhares de *tracks*, ainda se vê, acima de tudo, como DJ.

Atualmente morando em São Paulo, **Mtn9090** é integrante da ***Arruaça***, curador do catálogo sonoro da *label* independente **Raio X**, além de mediar, ao lado de ***marcelulose***, o programa "***É Track ou Beat?***". Atuando em meio a um circuito de produção independente e com recursos limitados, sua pesquisa tem como base o *house* e o *techno* clássicos de Detroit e Chicago. Já teve produções lançadas em selos brasileiros como ***Gop Tun Records***, ***bicuda* REC.**, **T REC.**, **Raio X**, **ZONA*exp.*** e **TRINKA.** Também teve produções lançadas pelos selos internacionais **Acid85** (Japão), ***Juke Bounce Werk*** (Estados Unidos), ***Boukan Records*** (França), ***Trampa***, ***Muakk*** (Colômbia) e ***Choccy Biccy*** (Reino Unido).

Ilustração por Mtn9090

2021 SP

Projetos novos a terminar



↳ EP Fortunato (2 tracks) 99%

track Marginália → Δ É Dureza nova

+ unidade nos graves
+ novo kick
+ novos fills
+ risers

Δ Diga A Palavra Final → deixar mais dance; synth + alto

pop pop pop sp (Ableton)

↳ Organizar Rekordbox

latin music ✕ ↳ Ya latin club 1 (Ableton) ★★★

↳ New Project More Deep (Ableton) ★

✕ ↳ Grime Jungle Dubstep (Ableton) ★ arranjo; + synths; + afinar a track! + trocar o vocal

(Ableton) ← tem futuro! muito futuro!

PV5000

Break do Doutor
Bandida Perversa

Petrus Vargas vulgo **PV5000** é DJ, produtor musical e agitador cultural, trabalhando na área da música há 10 anos. Nasceu em Porto Alegre, morou durante a infância em São Francisco de Paula, na Serra Gaúcha, e voltou para Porto Alegre, onde desenvolveu a maior parte de sua trajetória. Atualmente, vive em São Paulo. Cofundou a *label* **T REC.**, a festa ***Boiler Baile*** e é idealizador do projeto ***Rewind* BR**. PV tem como objeto de pesquisa a música popular brasileira, sempre explorando suas sonoridades e *samples*. Por ter uma vivência trans, traz muitos elementos urbanos e barulhentos, aprecia misturar gêneros musicais – suas criações estéticas remetem ao subjetivo, às memórias e experiências do seu dia a dia.

Por volta de 2014, começou a frequentar festas de música eletrônica, tendo como referências ***Arruaça*** e ***Vorlat***. Em 2015, já se apresentava como DJ. Começou a produzir no Ableton Live no final de 2019, evoluindo seus estudos de produção em 2020, principalmente durante a pandemia. Mas, seu percurso com a música é mais antigo: começou a tocar piano aos cinco anos de idade e, com treze

anos, após a crisma, entrou para o CLJ – grupo eclesial de jovens. Aprendeu a tocar cordas na banda da igreja de sua comunidade, evoluindo depois seus estudos para percussão. Nessa época, trocou seu skate por um violão com uma colega de escola.

Seu primeiro single, "Tiro no cu", foi lançado em janeiro de 2020, e seu primeiro álbum, "PIVETE2000", foi lançado em outubro de 2021. Apesar de já ter inúmeros lançamentos em *labels* do Brasil e do mundo, prefere lançar suas *tracks* de forma independente em sua página no Bandcamp. Sua curadoria como DJ vai do *electro*, cravado por *samples* em português, ao *garage*, *dub*, *drum'n'bass*, *jersey club*, 2 *step*, *speed garage* e outros estilos que valorizam as linhas de baixo. Os gêneros são utilizados como inspirações laterais, sem que se detenha em nenhum deles.

Já circulou pelas *pickups* mais destacadas de Porto Alegre, além de festas e festivais em Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Montevideo (UY) e Valisas (UY). Teve *singles* autorais lançados pela ***teia*** (SP), **AMIG** (BH), ***Megazord Rec.*** (POA), **T REC.** (POA), ***Sauce Traxx*** (Austrália), **DRILL** (Sérvia), ***Bubble Bath Berlin*** (Alemanha), **XXIII** (Portugal), **CAF? LATINCORE** (Porto Rico), ***Dark Heaven*** (Chicago), ***Bad Tips*** (França), **AUX1** (Barcelona), ***Trampa*** (Colômbia) e ***Jadeo*** (Uruguai), incluindo um lançamento em vinil. Tem 4 EP's autorais lançados por sua *label* pessoal, além de sets para França, Canadá, Coréia, EUA, Alemanha e Japão.

Ilustração por PV5000

R$5000
100
100
REAIS
Eurofarma
undecilato de
testosterona
Medicamento genérico
Lei nº 9.787, de 1999
VENDA PROIBIDA
AO COMERCIO
250 mg/mL
TÔNICA - 2°M - 3°M -
5ª JUSTA - 6°M
TÔNICA - 3°m - 4° JUSTA -
5ª JUSTA - 7°M

Faylon

substância do sentir

Brincar

Faylon Silva Lima é multiartista, DJ, ator, modelo e produtor cultural, com uma década de trajetória dedicada à cena cultural de Porto Alegre. Sua família tem origem quilombola, vindos do Quilombo do Areal, na Cidade Baixa. Viveu sua infância no bairro Cavalhada, na Zona Sul de Porto Alegre e, mais tarde, durante a adolescência e início da vida adulta, morou em Viamão, na região metropolitana. Atualmente vive na Cidade Baixa.

Desde 2015, atua como DJ, trazendo uma abordagem única, que rompe com as fronteiras entre gêneros musicais e BPMs, sempre conectada à sua ampla pesquisa musical, produzindo experiências intensamente dançantes. Nas festas de batuque que aconteciam em sua casa teve os primeiros contatos com os instrumentos musicais, como tambor, agogô, ajê e sineta, algo propiciado por sua relação com a religiosidade de matriz africana, vivenciada desde criança.

Conheceu a *cena* por volta de 2013 ou 2014. Morando em Viamão, não sabia exatamente onde acontecia a efervescência da cidade, aproximando-se de maneira

intuitiva de casas noturnas como ***Cabaret*** e ***Beco***. Ao mesmo tempo, durante este período, vivencia um movimento de ocupação festiva da rua, puxado pelo coletivo ***Arruaça***. Curiosamente, sua primeira aproximação com a discotecagem foi em uma festa de aniversário de sua mãe. Observando o Virtual DJ aberto, ficou fascinado: era um jovem negro que estava tocando. Baixou o *software* e foi atrás. Começou a brincar, muito despretensiosamente. Nessa época, ainda frequentava muito o eixo de casas noturnas voltadas à música pop. Tornou-se divulgador das festas, e logo estava tocando nos rolês. Começou a produzir música eletrônica em meados de 2020, durante a quarentena da Covid-19. Um amigo conseguiu um minicurso *online*, que nunca foi terminado, mas garantiu os primeiros contatos com o *software*, o que deu acesso a mais uma dimensão do multiartista que é.

Em 2021, lançou o álbum **Modupé** pela **GOMA *rec.***, uma obra que celebra suas raízes e explora sonoridades afro-diaspóricas com profundidade e autenticidade. O álbum reafirma sua versatilidade e sensibilidade artísticas. Também lançou uma faixa em colaboração com **VSCH** no VA independente **Megazord Rec.**, produzido por artistas da *cena* de Porto Alegre e região metropolitana. Além disso, tem sets gravados para selos como **Cereal Melodia**, **Sabará Records** e outros. Nestes trabalhos, destaca-se pela sua capacidade de transitar por diferentes vertentes musicais, criando narrativas sonoras potentes.

Jean Dessaline é o filho mais velho de Cecília e Dutty, ele é um filho adotivo, um jovem calmo e de poucas palavras, porém muito determinado em suas ações. Ele vem a fazer parte da Família de outras maneiras, ele chega na casa de Cecília com 7 meses de idade, os pais de Jean eram usuários de substâncias do sentir e foram presos por um suposto envolvimento com o comércio ilegal do sentir. Eles ficaram por muito tempo tentando provar a inocência deles, porém, infelizmente, nunca conseguiram. Por serem moradores de uma zona de alto índice de tráfico do sentir e, além disso, junto deles foi encontrada uma certa quantidade de substâncias do sentir, nenhum juiz acreditou que eles não tinham envolvimento, e por isso foram condenados a ficar presos por anos. Assim, Jean foi morar com Cecília e Dutty que eram parentes, porém distantes, por isso o casal criou Jean Dessaline como se fosse seu filho. O pai de Dessaline quando saiu da reclusão nunca veio procurar pelo seu filho, a mãe de Jean acabou adoecendo e infelizmente veio a falecer dentro do presídio por negligência de cuidado.

Cecília e Dutty só contaram sobre tudo que envolvia a adoção de Jean depois que ele completou 18 anos, por uma pressão do próprio Jean, já que ele encontrou a certidão de nascimento antiga em que os nomes dos pais de Jean não eram os mesmos de seus irmãos. Jean sempre foi um jovem Esperto, observador e determinado, quando seus pais lhe contaram sobre tudo isso, permaneceu calmo e pensativo, por alguns minutos até falou para seus pais que entendia os motivos por que as coisas se desenrolaram dessa forma. Ele já tinha ouvido falar sobre as substâncias do sentir, e de como elas têm influência na vida de jovens e adultos. O que ele não entendia qual era a diferença entre as substâncias do sentir que fizeram seus pais biológicos serem presos e as substâncias do sentir que ele comprava no supermercado.

Depois desse dia, Jean passou a se interessar pelas Substâncias do Sentir, pelas contradições desse assunto, ele começou a perceber que no bairro onde ele mora, existia um forte comércio do Sentir, e que esse comércio aparece como uma grande oportunidade de ganho de renda para muitos ali, inclusive para ele. Jean começa a perceber que existe muito mais do que traficantes, substâncias do sentir, polícia, prisão e morte. Ele começa a ver que quem faz parte desse comércio são pessoas parecidas com ele, saídas dos mesmos territórios que ele, pessoas com famílias, com sonhos, com filhos. Nem todas as pessoas envolvidas no comércio do sentir curtem usar a parada, ou curtem a adrenalina do crime, tem muita gente boa que entra na parada porque querem fazer parte da cadeia consumista que é imposta a todos, ou simplesmente porque não tem condições de suprir suas necessidades mais básicas, tá ligado? Tem uma galera que não entra na roda de consumo desenfreado, seguindo a regra.

Para Jean Dessaline, vender substâncias do sentir não parecia tão ruim, quando ele percebeu que existe muito mais do que essa violência por trás disso, e de que a violência que dizem ser intrínseca ao comércio do sentir é perpetuada de maneira desproporcional por aqueles que deveriam proteger. Só que Jean sabe por experiência própria que essa proteção não se estende a ele e nem a seus vizinhos de periferia, ele lembra de todos os "atraques" que recebeu da polícia, lembra de todas as humilhações que já sofreu por esses agentes, lembrou de seus amigos e vizinhos que foram levados dentro desses camburões negreiros e que voltaram machucados tanto na mente como no corpo por esses que protegem a ordem e a segurança pública. Jean se pergunta, se tem alguém para ser protegido, quem é o inimigo?

Jean pensa: "Se os porcos são tão contra as substâncias do sentir, porque eles usam a parada que tiram dos guri da vila, quando não revendem para outras vilas? Porque a gurizada da vila vai presa,

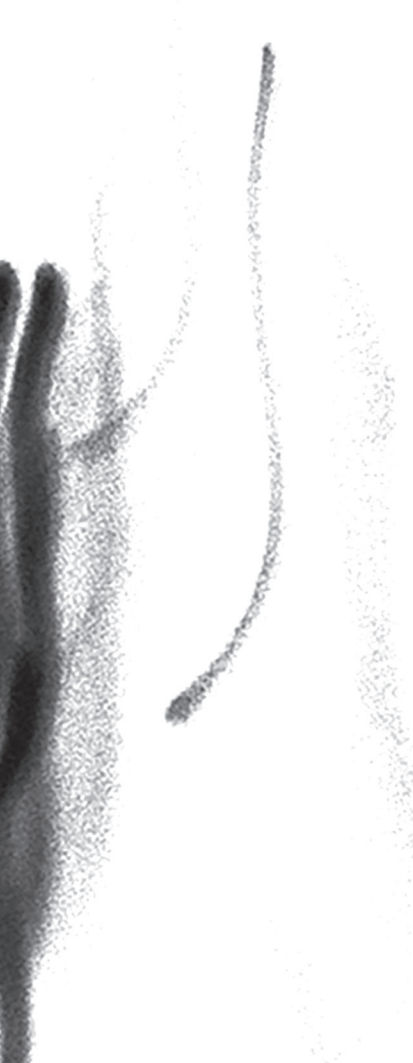
cumpre sua pena e mesmo assim, os caras saem do sistema e voltam a vender as mesmas paradas? Se o cara tem grana para dar pros porcos não vai preso, se o cara não paga, vai preso. É muito contraditório os porcos serem retirados como os santos, quando na verdade são uns safados, batem na gurizada só por prazer, quando não matam. Esses tempos vi um deles levando um celular do moleque, muita chinelagem, e ele nem era envolvido nos corre, numa operação de rotina. Pô o que mais me deixa puto é que o cara tá aí vendendo as paradas pra conseguir se vestir, comer, comprar uma roupa da hora. Tô ligado que o tráfico não é brincadeira de criança, tem muita coisa pesada envolvida, que nem aquela música do Racionais quem não morreu de tiro, tá preso sossegado já perdi força de irmão, mas hoje por hoje, tudo é sobre grana!".

Jean estava tão chapado que não percebeu que estava falando em voz alta e não estava na sua casa. Depois de uma grande viagem se deu conta que estava na sala de seu amigo Jacques, um chefe do comércio de substâncias do sentir. Tinham outras pessoas na sala e todos olhando atentamente a ele confirmando com a cabeça, mas sem parar de fazer suas funções. Era uma noite fria, Mambo, namorada de Jacques, estava preparando um quentão para todos se esquentarem. Aquela noite seria longa. Eles tinham combinado que depois que as balinhas de maconha e a buchas de cocaína estivessem prontas, todo mundo ia ficar até tarde jogando forca, fumando maconha e tomando quentão.

Jean adorava as noites de forca, era um momento de confraternização, e não era só a galera que vendia e fazia parte do corre, era a gurizada que jogava futebol no fim da tarde, partia pros bailinhos à noite, pegava o ônibus lotado de manhã. Jean gostava desses momentos porque esses momentos eram os que todo mundo podia brincar, rir, dar afeto do jeito que se consegue dar em meio a um cenário tão violento quanto o comércio do Sentir. Jean lembra

que, na vila onde cresceu, em nenhum momento a galera envolvida nas ven-das se chamava de parceiros do crime, integrantes do crime organizado, traficantes, a galera sempre se referia entre si como cupincha, que na língua portuguesa é o indivíduo com quem se mantém estreita relação de amizade.

Faylon



Turva

909

NOIDEIA

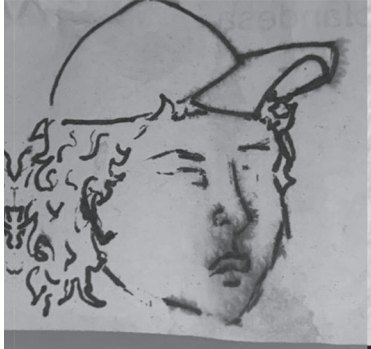
Taty Rosa vulgo ***Turva*** é DJ, produtora musical e integrante do coletivo ***Turmalina***. Natural de Novo Hamburgo, do bairro Roselândia, atualmente é radicada em Porto Alegre, onde atua como DJ desde 2017. Ao longo da vida teve contato com violão, pandeiro, chocalho, teclado, gaita... Como DJ e produtora musical compõe estilos como *drum'n'bass*, funk, eletrofunk, *ghettotech*, *footwork* e *jungle*, sempre na busca de trazer artistas pretes e a cultura da música eletrônica preta e periférica para suas apresentações.

Conheceu a *cena* no momento em que saiu de casa, em Novo Hamburgo, indo para Porto Alegre. Começou a frequentar casas noturnas, principalmente de música pop e funk, e, consequentemente, foi conhecendo as festas de música eletrônica, como ***Plano***, ***Vorlat***, ***Cerne***, ***Base***, ***Arruaça***, ***Turmalina***... No entanto, aproxima-se desse eixo de forma mais íntima somente em 2018. Ainda assim, em 2017, já havia se apresentado como DJ na Casa Frasca, um centro cultural que também funcionava como bar e recebia festas – importante ponto de circulação da arte

alternativa da cidade, tido como local mítico da união de artistas que hoje integram o coletivo ***Turmalina***.

Começou a experimentar-se na produção de música eletrônica em 2019, mas assumiu de fato o ofício em 2023. As músicas entregues nesta coletânea são seus primeiros lançamentos. Tem alguns rascunhos de outros projetos, mas nada que já tenha concluído. Nunca lançou por *labels*, e pensa em, inicialmente, distribuir seu som através do Soundcloud e Bandcamp, de maneira independente. Sua meta, enquanto alguém que trabalha com música, é elevar a autoestima de quem ouve, tentar fazer quem está presente vibrar e se identificar, tanto visualmente quanto sonoramente. Já tocou em algumas das principais festas eletrônicas da *cena* de Porto Alegre, como ***Arruaça***, ***GOMA rec.***, ***Plano***, ***Turmalina*** e ***Nite Savage***. Também já fez parte do *line up* das festas ***Grau*** e ***Neurokat***, *labels* de São Paulo.

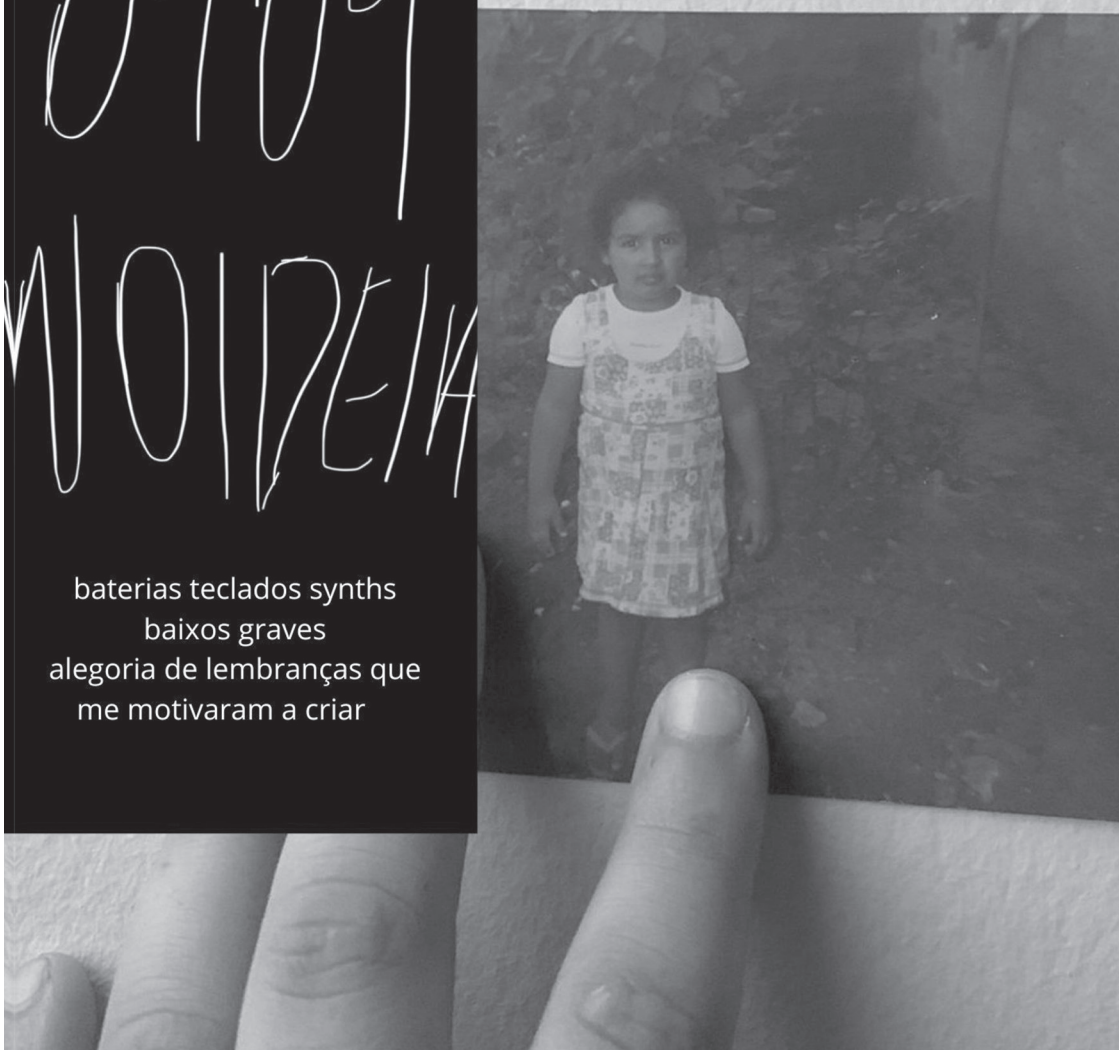
Ilustração por Turva



um movimento de construção contínua

0909 MOIDEIA

baterias teclados synths
baixos graves
alegoria de lembranças que
me motivaram a criar



A Festa: coletivo Plano

Criado em 2017, o coletivo **Plano** surgiu com o objetivo de reafirmar a importância da cultura e do lazer por meio da música no contexto artístico da cidade de Porto Alegre, ressignificando os espaços públicos e construindo um novo olhar sobre a utilização do cenário urbano. Segundo seus integrantes, a ideia inicial era fazer uma junção entre amigos na rua, pois estavam contagiados pelo movimento de ocupação festiva da cidade, que ocorria com efervescência naquele momento. Quando apenas a vontade de fazer uma festa na rua os movimentava, ainda sem saberem muito bem o que estavam fazendo, foram surpreendidos com o potencial de mobilização que tinham na mão ao montarem um *sound system* e um *setup* na praça. Sem outra alternativa, o plano seguiu e as festas foram crescendo. Com o passar do tempo, agregou-se um cunho político ao que faziam.

De lá pra cá, já se passaram 7 anos. Hoje, o coletivo realiza diversas ações no espaço urbano de Porto Alegre e outras cidades, como São Paulo e Belo Horizonte – onde fizeram *collabs* com outros coletivos –, tornando-se, para

além da festa, uma plataforma de facilitação de acesso no desenvolvimento de profissionais do ramo artístico-cultural. Os objetivos, num geral, são ressignificar o espaço público, o comportamento social e fomentar a criação de novos coletivos. Desde o início, elencaram a música eletrônica e a cultura DJ como linguagens artísticas e sonoras de sua atuação política e cultural, pois entendem que através delas é possível ativar diversos fluxos de sociabilidades da juventude, algo necessário para a vitalidade das cenas urbanas. Nas festas, as pessoas dançam e assumem diferentes personalidades, criando novas relações com a cidade, com os outros e consigo mesmas.

Apesar de já ter tido outros integrantes em sua formação, atualmente o coletivo é formado por Fernanda Rizzo, Fernando Ribeiro, Sérgio Barsotti e Gabriel Scorza. Todos dividem a produção executiva dos eventos e demais ações realizadas, além de desempenharem outras tarefas mais específicas.

Também conhecida como **Fritzzo**, Fernanda atua na Plano como DJ residente e *social media*. Começou a tocar em 2015, dois anos antes da criação da **Plano**, e hoje é uma DJ consolidada na *cena* local e com grande circulação nacional, explorando de maneira muito consistente o *electro* e o *breakbeat*. Formada em Design Gráfico , além de DJ, é ilustradora e produtora cultural. Em 2018, também participou da criação do coletivo Greta, já dissolvido, mas que fomentou de maneira decisiva a participação feminina no cenário eletrônico de Porto Alegre. Em 2020, criou o *podcast* **Fatia**, apresentado na rádio *online* **Function FM**, projeto também já finalizado, que conta com 28 episódios, onde DJs convidados apresentam um pedaço de suas

pesquisas musicais. Além de tudo isso, trabalhou como *social media* e DJ residente da festa **Pane**, que aconteceu em Porto Alegre entre 2020 e 2023. Aquariana, Fernanda é uma mobilizadora nata do cenário, movimentando-se em várias frentes, sempre na intenção de contribuir com a caminhada coletiva.

Sob a alcunha de **Technovinho**, Fernando se apresenta como DJ e produtor musical, além de responder no coletivo como produtor técnico, área em que atua profissionalmente. A partir de sua experiência como produtor cultural na **Plano**, ainda que de maneira amadora, encaminhou-se para uma carreira como produtor técnico e executivo de eventos e *backstage manager*, dedicando-se ao estudo e a profissionalização desta atividade. O talento como DJ fora herdado de seu pai, o que hoje é somado a um percurso de alguns anos produzindo *tracks*, com destaque para os *edits*, onde explora de maneira muito criativa as aproximações do funk brasileiro com *house*, *techno* e *electro*. No cenário de Porto Alegre, foi um expoente na disseminação do baile funk no rolê eletrônico mais tradicional, antecipando uma tendência que agora ganha ares globais. Sedutor com as palavras, Fernando é quem assume o microfone na **Plano**, alternando de maneira divertida o discurso político com a agitação da pista.

Sérgio, que se apresenta como **Barsotti**, também é DJ e produtor técnico da **Plano**. Entrou no coletivo em 2018, em uma situação que resume de maneira muito ilustrativa a sua participação na *cena*: emprestou os equipamentos, chegou cedo para a montagem e, de última hora, ainda entregou o *set* de abertura da festa, salvando o rolê em diferentes dimensões. Essa postura é a marca de

Barsotti, que, ao longo dos anos, construiu um nome muito respeitado na cidade, tanto na discotecagem quanto na produção. De alguma forma, é possível dizer que a **Plano** vive um salto de qualidade a partir de seu ingresso no coletivo, experimentando um crescimento impressionante, sobretudo após a pandemia – algo que foi planejado por eles. Além de DJ, onde se destaca por uma curadoria refinada de *house*, *electro* e *trance* – tocando com vinil –, é produtor musical, com faixas lançadas em vários selos nacionais e internacionais. Produziu a festa **Pane** entre 2020 e 2023, onde explorava suas referências *sci-fi*, muitas trazidas dos filmes e de sua experiência como roteirista.

Gabriel Scorza, conhecido como Polenta, é artista visual, atuando como ilustrador e designer na **Plano**. Desde 2020, é responsável pela arte de todos os cartazes, assinando a identidade que hoje é a marca do coletivo. Cria personagens em *cartoons*, que brincam com os símbolos da cultura DJ, mobilizando memórias afetivas da infância, atualizadas em um universo psicodélico: os *pen drives* Trick & Track, sempre dançando na pista, flores e cogumelos animados, todas figuras que parecem ter saído de um RPG frito. De perfil discreto, iniciou suas atividades sendo responsável pelo financeiro, ao perceber que não havia nenhum tipo de controle sobre o dinheiro que circulava durante a festa. Logo abandonou o caixa e assumiu as artes. Hoje, além de desenhá-los, também encarna os personagens: durante a festa, faz aparições com a fantasia de um *pen drive* gigante, levando a galera à loucura.

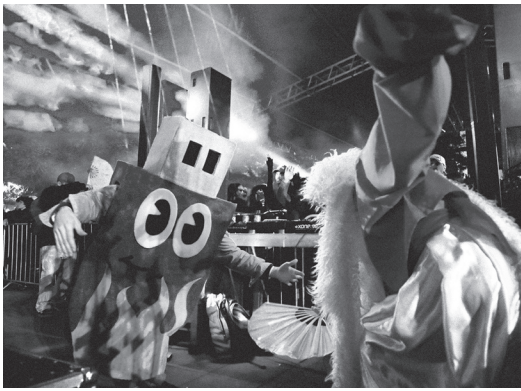
Atualmente, além do núcleo duro, o coletivo tem colaboradores fixos: as residentes **Fayola Ferreira** e **Laputaines**, que atuam como *performers*, e o fotógrafo e *video-*

maker Lau Baldo. Essa postura do coletivo dá um lugar de destaque às artes performáticas e audiovisuais, criando uma atmosfera imagética durante e após os eventos. Algo que, somado a magnitude e qualidade da infraestrutura– som, luzes, globo, palco, tenda, bar etc. – cria nas festas experiências muito impactantes. Além das festas de rua, costumam fazer *afters* em locais fechados, proporcionando mais de 12h de música. Assim, a **Plano** tornou-se um dos maiores coletivos de festas de rua do Brasil e uma das principais festas de Porto Alegre.

Atuam majoritariamente através das festas, já tendo ocupado mais de uma dezena de espaços públicos na cidade, entre ruas e praças. Também realizam outros tipos de atividades, como rodas de conversa sobre temas que atravessam o rolê, além de oficinas de discotecagem e produção cultural. Vendem produtinhos, como camisetas, e mantêm uma residência no Okpo, restaurante coreano. Entre as muitas parcerias que já fizeram, destacam-se as ações de conscientização com o **Coletivo Lótus**, de redução de danos, com a artista **Silvia Marcon**, responsável pela série de monalisas instaladas no tecido urbano em várias cidades do mundo, e com a ONG **Cozinhar e Servir**, que distribui refeições para a população em situação de rua em Porto Alegre. Tudo isso gera uma ampliação do impacto social da **Plano** para além do entretenimento, da cultura e da arte.

Mesmo se encaminhando para o oitavo ano de atividades, consideram que ainda estão entendo seu papel político na cidade e nos corpos que frequentam as festas. Apesar do nível de profissionalismo em que chegaram, partilham com outros atores do cenário as características

do improviso, da experimentação e da invenção de novas formas de produzir cultura, de organizar coletivos e de fazer política. Lá atrás, o rolê surgiu organicamente, do desejo de fazer acontecer, sem planos muito elaborados. Hoje, mesmo com o tamanho que alcançou, a ***Plano*** continua sendo um grande laboratório. Isso porque entendem as festas como um espaço em que é possível extravasar o potencial criativo e a reflexão política – seja com as palavras ou nos diálogos corporais. Ao mesmo tempo, produzir festas abre uma possibilidade de criar, naquele momento efêmero, um local seguro para que as pessoas vivam o espaço urbano da maneira que acreditam que ele deva ser. Dançando na rua, reinventamos a cidade a cada festa.



Fotos por Lau Baldo

Os *Bastidores*

Ilustrações e capa

Amanda Martins de Abreu vulgo **ASSMA** é natural de Pelotas/RS, onde reside e trabalha como artista visual e produtora cultural. Mestranda em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atua como pesquisadora no Grupo Patafísica: educação-arte-filosofia desde 2015. Interessa-se por performance, desenho, pintura e serigrafia, produzindo narrativas que exploram os absurdos, as violências, as coincidências e as piratarias urbanas e cotidianas do subúrbio. Divide o ateliê de trabalho com a oficina mecânica do pai, fato que aborda em performances e em outros trabalhos gráficos. Foi artista residente e produtora cultural da Relva Cultural durante o ano de 2022 até o fim do projeto, em 2024. Desde 2023, produz a Coisinha – um encontro de música eletrônica e artes visuais, que reúne diversos artistas de Pelotas e região em cada edição.

Diagramação e projeto gráfico

Ana Cândida Sommer é bacharel em Artes Visuais e é pós-graduada em Design Gráfico, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Encontrou sua linguagem na ilustração, e através de *zines* e feiras gráficas foi abrindo caminho no mundo editorial e dos livros ilustrados. Sentiu vontade de trabalhar mais com as mãos e começou a explorar a cerâmica, levando seus desenhos e pinturas a utilitários que trazem poesia para o dia a dia. É assim, nessa combinação de práticas, que vai transmitindo o seu universo particular e a delicadeza das coisas.

Visualizers

Guilherme Leon Berno de Jesus é artista visual e mestre em artes visuais com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bacharel em artes visuais e em ciência da computação pela mesma universidade. Atua também como Diretor Executivo no Remanso – Instituto Cultural, além de realizar trabalhos com programação e com fotografia. Sua prática artística utiliza embalagens combinadas com a pintura, a aguada, a programação, a arte digital e a fotografia. Tem interesses de pesquisa relacionados ao cotidiano, à arte participativa, à arte colaborativa e à arte conceitual.

Produção executiva

Vitor Cunha trabalha nos campos do audiovisual e da cultura. No audiovisual, trabalha como editor, colorista e na produção e operação de transmissões ao vivo. Além de ter produzido mostras de cinema na Sala Redenção (UFRGS) – Cinema Universitário (2018-2022) e atuado como pesquisador na obra Um Filme de BR (2025). No setor cultural, organizou o projeto Sexta Degrau (2019-2022) e auxiliou na produção de eventos como Unimúsica e Percurso do Artista.

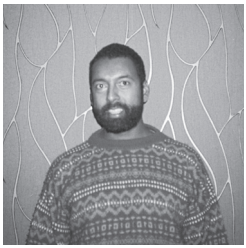
Produção executiva

Wender Zanon atua no cenário musical de Canoas desde 2007, mas foi assistindo a uma Arruaça em abril de 2015 que começou a amadurecer seu trabalho no campo da produção e da prática cultural. Desde então, tocou nas bandas Paquetá, Conflito, Vida Torta, Mal dos Trópicos, Assombroso Mundo da Natureza e Mäskara. Lançou três filmes: This is Canoas, not Poa! (2021), Ensaios sobre uma cidade (2023) e Um Filme de BR (2025), além de dois gibis: Gosto Estranho (2023) e Diários Metropolitanos (2025). Também atua na comunicação dos festivais FESTIA e Rock na Praça, este considerado patrimônio cultural imaterial de Esteio.

Cognição eletrônica

Pianki

marcelulose



Ivi Maiga Bugrimenko

Bruno Barros

Guilherme Campos

Tom Nunes

Mariana Gonçalves da Silva

Ivi Maiga Bugrimenko

Leo Felipe

Eduarda Heineck Fernandes

Gabriel Vargas Bernardo

Nog4yra

Fernanda Medeiros

Mtn9090

Luise Arosteguy

PV5000

Faylon

Guigo Dedecek

Turva

ASSMA

Ana Cândida Sommer

Guilherme Leon
Berno de Jesus

Eloisa Batista

Vitor Cunha

Jéssica Nakaema

Wender Zanon

Posfácio: *Tabu*

No apagar das luzes, ao finalizarmos o livro, percebemos que, o tempo todo, ao longo de nossas muitas conversas e reuniões, ao longo das entrevistas e dos textos, ao longo das faixas da coletânea, uma presença se fazia ausente, ou melhor, uma ausência se fazia ***presente***. Nesse jogo, entre a fugacidade da vida e a permanência das inspirações, o nome, a imagem e a presença de Mateus surgiam como vagalumes, que nos encantavam com a mesma beleza que se despediam. Um pisca-pisca da memória, que não se deixa capturar, nos seduz e nos engana, mas nos faz lembrar e sentir que nada disso teria acontecido se não fosse por sua amizade. Tabu é o paradoxo da vida, que acaba, mas que continua fazendo viver. É, ao mesmo tempo, força centrífuga que nos aproxima, e força centrípeta que nos lança para experimentar o que ainda não vivemos. Sempre contigo, com tua marca, tua inspiração, tua presença.

Mateus Miranda Ribeiro (20/06/1993–16/09/2023), conhecido na *cena* de música eletrônica por seu nome artístico, ***Tabu***, foi um articulador cultural, produtor musical, DJ, integrante de gravadora e de coletivos

artísticos, além de uma grande referência para inúmeras pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo ou conviver com ele. Nasceu e cresceu em Porto Alegre, no bairro Partenon, e viveu os últimos anos de sua vida em São Paulo, onde desenvolvia uma promissora carreira no mundo do áudio. Aprendeu a tocar violão ainda criança, com seu pai, expandindo as experimentações para outros instrumentos ao longo da vida. Participou de bandas desde a época do colégio, onde chegou a realizar um festival de música com os colegas. Começou a tocar como DJ em 2012, quando estudava ciências sociais na UFRGS, o que serviu para que conhecesse mais pessoas malucas e colocasse em prática as etapas iniciais dos seus planos de ativação política e cultural através da música, da festa e das aglomerações. Conheci ele nesta época, durante uma edição da Serenata Iluminada, quando montamos as caixas de som artesanais do avô do Kupac entre os *boulevards* do Parque da Redenção, alimentadas por um gerador de 1000 kva à gasolina, instalando uma pista suada e improvisada às costas dos bustos de pedra das autoridades que, dançando, solenemente ignorávamos. Quem nos apresentou foi o Vola, outro artista que foi precocemente, como insistem em fazer os mais brilhantes. Depois de produzir uma festa juntos ao modo da gambiarra, uma amizade está formada. Tabu nos receberia em pouco tempo em sua casa, "A Baleya", onde guardavam aquele gerador e as caixas de som, que seriam emprestadas inúmeras vezes até que o coletivo Arruaça tivesse grana suficiente para alugar um *sound system*. Em breve, Tabu entraria no coletivo ***Arruaça***, mudando profundamente a vida de todos nós.

Da época das sociais, Tabu realizou o Festivale, festival multiartístico, com shows e intervenções diversas, que durava vários dias no Campus do Vale da UFRGS. Nesse período, também amadureceu suas posições políticas, desenvolvendo um humor ácido em relação às formas de militância mais tradicionais, enveredando por caminhos anarquistas e autonomistas. A cultura e a música tornavam-se cada vez mais centrais em sua atuação. Antes, havia cursado brevemente jornalismo na Unisinos, e depois de abandonar a UFRGS chegou a estudar produção musical novamente naquela universidade. No entanto, seu trânsito pelos ambientes acadêmicos, ainda que fosse um grande *nerd*, servia mais para fazer conexões com pessoas que pudessem somar na caminhada de rebeldia política e musical do que para ganhar diplomas. Tabu sempre foi um autodidata, e os espaços institucionais lhe davam um pouco de preguiça, apesar de muitas vezes terem sido necessários.

Circulando entre várias galeras, ocupando diversos espaços, a verdade é que foi na rua que Tabu realizou a maior parte de seus projetos. Certamente também foram necessárias infinitas horas em estúdios – um eufemismo para computadores com *softwares hackeados*, equipamentos emprestados e cinzeiros lotados em cima de portas sobre cavaletes, servindo de mesas improvisadas. Tabu dedicou a sua vida às construções coletivas, sonoras e políticas, criando um ambiente em que se tornava difícil, e até inútil, separar tais categorias. Foi ele quem me falou a primeira vez de Mark Fischer, aceleracionismo, Kode 9, Hyperdub, e essas radicalidades eletrônicas e musicais. E também foi com ele que conversei sobre o Luis Vagner, que

também era do Partenon, sobre o Hakim Bey e a TAZ, e os potenciais das festas de rua. Mas a Arruaça não foi suficiente para ele, e junto de uma galera ainda mais doida, criou a **ZONA*exp***. A Zona é uma gravadora e um núcleo que encarna fielmente o conceito de *underground*. Lembro da primeira festa que realizaram: eu fui a única pessoa presente que não fazia parte do coletivo nem do *line up*. Isso não impediu que, ao longo dos anos, o *cast* da *label* crescesse em importância no cenário, e seus lançamentos fossem aclamados internacionalmente. A Zona se consolidou como produtora e divulgadora do *ghetto tech*, *booty house*, *drum'n'bass* e outros gêneros eletrônicos periféricos no Brasil, sem abandonar os cruzamentos com o rap e o funk nacional. Mais tarde, Tabu também integraria o coletivo ***Turmalina***, aquilombamento artístico que disputa as narrativas e as produções do rolê eletrônico em Porto Alegre.

Filho de Regina e de Jefferson, irmão de Miguel, para além da música, da política ou dos coletivos de que fez parte, Mateus foi nosso grande amigo. Este projeto é dedicado a ti, meu grande amigo. Como forma de tentar aplacar a saudade, e tentar trazer mais um pouquinho da tua presença, finalizamos com a carta que te escrevi no dia em que choramos tua partida. Por aqui, ainda que estejamos felizes, seguimos só saudades.

Mateus: sem pressa.

Desde que recebemos a triste notícia da tua passagem, meu amigo, passamos os dias, as horas e os minutos

pensando em ti. Nada indica que o que vem pela frente seja muito diferente: como tua mãe, Regina, já disse, secaram as lágrimas. Mas tu providenciou logo uma tempestade, para nos inundar e encharcar com a tua presença.

Se é verdade, como muito bem disse teu irmão, Miguel, que o céu está em festa, também é verdade que a terrinha, Porto Alegre, está em luto. Perdemos um dos melhores, daqueles que fazem a diferença. Mas como teu pai, Jefferson, nos lembrou, apesar da dor imensa que sentimos agora, devemos ficar – em nossas mentes e nossos corações – com as imagens, os gostos, os cheiros, as texturas e os sons que experimentamos na tua presença.

E são tantos! Começando pelas imagens: que cara bonito, puta que pariu. Até no estilo era vanguarda. Tanto que metade dos *boyzinho* por aqui tão usando o mesmo bigodinho e cavanhaque que tu ensinou. Além de belo, tinha gosto excepcional para os memes, sempre na frente. Sabia muito bem saborear a vida, e quem já teve o privilégio de comer uma refeição preparada por ti conheceu um pouco mais de perto o tempero do teu carinho.

E o cheiro? Teu cheiro era bom, meu amigo. Mostrava personalidade até quando decidiu não usar desodorante. Tudo que a gente queria agora era seguir sentindo o cheiro do teu corpo, pra sempre. E essa memória tu nos deu: cada um, quando sentir o cheiro de seu próprio corpo, ou de um amigo, vai lembrar de ti.

E a textura do teu abraço, fraterno? A textura da tua risada? Do teu "ããhaaam", como lembraram teus amigos. A textura do teu som... Quantos sons? De quantos tipos? Por que tu sempre vai tão longe? A nossa sorte é que, se depender de ti, praticamente não teremos mais silêncio,

de tanto que tu produziu. Mas o silêncio é importante, isso tu nos ensinou. Escutar, observar, pensar.

A tua imensa sabedoria foi e segue sendo a liga que dava consistência artística, intelectual e, sobretudo, afetiva a isso que chamamos por aqui de "*cena*". De quantos projetos tu participou? Quantas ideias tu viabilizou? Nunca sozinho, sempre coletivamente. Nunca pra si, sempre pra rua. Arruaça, Zona, Frekuencia, Turmalina, mas também o Geramor, a Piscininha nas Cuias, o Tutti, o Largo Vivo, e por aí vai...

Com o Mateus não tinha ruim. Quantos geradores carregamos, quantas caixas de som paleteamos, quantas decorações montamos, quantas festas fizemos? Com o Mateus não tinha ruim... Mas também não tinha pressa! Quem já trampou com ele sabe. Me lembro, como se fosse ontem, dos muitos rolês que iniciamos atrasados –porque não havia pressa de começar. Afinal, ninguém tava sendo pago mesmo...

A tua doçura me lembrava uma criança, no que elas têm de melhor: a própria montagem da brincadeira já era a brincadeira. Lembra quando estávamos com a festa toda montada, na frente da Estação Mercado do Trensurb, só esperando o Mateus chegar com a mesa? Isso que ele morava há duas quadras do local!

Com o Mateus, era melhor não ter pressa... Principalmente quando ele bolava o baseado. Aí, esquece. Ele transformava minutos em horas... Era o que a gente queria poder fazer agora. Por que a pressa?

Tua presença permanece com a gente. Tu nos inspira profundamente, e todo mundo sabe, no seu íntimo, que não é da boca pra fora. Muita gente se pergunta, na

nossa ceninha, que agora parece tão minúscula, diante da tua partida, o que é esse tal de *underground*? O Mateus era *underground*.

O Mateus é *underground*. E isso não tem a ver com sucesso, com estilo ou com alcance. Tem a ver com a postura política. O Mateus fazia arte, ele se expressou através de uma práxis, a sua filosofia era prática. Um verdadeiro hacker, um anarquista. Ingovernável. Insurgente.

A tua força nos indica um caminho, sempre ao sul! Mas não como um farol, com sua luz ofuscante, que se expõe, se exibe, e quase não deixa os outros verem e brilharem também. Teus ensinamentos, pra nós, são mais como um radar. Subaquáticos, subterrâneos, infra sonoros, tão graves que o ouvido não consegue captar, mas que fazem vibrar o corpo.

Nesse momento, em que desligamos mais um gerador, fica esse gosto amargo, esse zunido no ouvido. Mas também fica a satisfação do que vivemos – que certamente não vai voltar. Mas, com certeza, também não vai embora. A saudade é o amor que não vai embora...

Tentar aplacar a saudade de um amigo com as memórias de sua presença é como tentar matar a sede bebendo água do mar. Para nós, não há oceano que chegue. Esteja em paz, que aqui a gente segue, cultivando a tua presença, a tua serenidade. Te amamos.

GB.

Julia Gonçalves

Como já foi mencionado várias vezes, este livro faz parte de um projeto maior, que também contém uma coletânea musical, e teve seu lançamento em uma festa de rua, organizada pelo coletivo Plano. Também é preciso reconhecer que este trabalho só foi possível graças às políticas públicas de cultura: o projeto foi financiado através do edital estadual da Lei Paulo Gustavo.

Para mais informações sobre o projeto, além de desdobramentos futuros que essa empreitada coletiva possa gerar, acesse ***www.marginaliametropolitana.com.br*** Lá será possível baixar o PDF do livro de forma gratuita, acessar a versão audiobook, escutar o álbum e seguir conectado com a Marginália Metropolitana.